

07 AGO 2025

1. FEV



1. MAR  
2025

- 7 JUL. 2025

MORTE



PORTUGAL



MAR 2024



- ABR. 2024

QUANDO CHEGAR LÁ,  
ME ENVIE

UM CARTÃO-POSTAL



- 7 JUL. 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

IZABEL KARIME CUSTÓDIO SOUSA

**QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO-POSTAL**

Recife

2025

IZABEL KARIME CUSTÓDIO SOUSA

**QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO-POSTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Eduardo Romero Lopes Barbosa

Recife

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Sousa, Izabel Karime Custódio.

Quando chegar lá, me envie um cartão postal / Izabel Karime Custódio  
Sousa. - Recife, 2025.

95 p. : il.

Orientador(a): Eduardo Romero Lopes Barbosa  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2025.  
Inclui referências, apêndices.

1. Arte Postal. 2. Gravura. 3. Performance. 4. Comunicação. 5. Escrita. I.  
Barbosa, Eduardo Romero Lopes. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

IZABEL KARIME CUSTÓDIO SOUSA

**QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO-POSTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Artes Visuais.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profª. Dra. Ana Elisabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Me. Marina Soares da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Começarei a agradecer àqueles que são anteriores a mim e que é por seus caminhos que crio meu sustento, meus ancestrais e guias, que conheço dos meus sonhos e das longas caminhadas que faço sob o céu. Piso no chão dessa terra sentindo sempre a certeza de que pisamos juntos.

Agradeço à minha família que me garantiu a existência física e uma vida digna de ser sonhada. Meus avós José Silva e Darcy Custódio, pais de minha mãe. Sou quem sou hoje pois suas mãos me moldaram e sustentaram. E aos meus avós Izabel Sousa e Raimundo Sousa, pais do meu pai. À minha avó agradeço pelas xícaras de café e os incentivos junto do pé do meu ouvido para que eu estudassem e trilhasse o caminho que trilho hoje. Ao meu avô, que não tive a oportunidade de conhecer olho no olho, agradeço a vida. Antônia Cardoso, minha avó do coração, agradeço pelo sustento físico da palavra, da comida e do afeto.

Agradeço aos meus pais, Ana Claudia e Álvaro José, admitindo que não existem palavras terrenas capazes de abarcar o quanto sou grata pela vida, pelo tempo e pelo trabalho dedicados a mim. Se vivo meu sonho, é pela realidade deles.

Agradeço a todas as mães que fizeram de mim sua filha. Luciana Bitencourt, minha mãe do coração, que me abriu o peito para morar e mostrar que sempre há espaço para criar casa. Iracilda e toda a família Mendes, Roberta e Marcelo, e a Joelma e toda a família Liberal-Cavalcanti, Tio João, Rebeca e Joãozinho, que permitiram que eu fizesse de suas casas a minha e pudesse ter um lar para continuar trilhando meu caminho em Recife. À Fátima e família Bueno-Godinho, Leo, Matheus e Lucas, à Márcia e família Xará-França, Tito, Nina e Bel, que abriram espaço para o colo e a celebração da rotina, sabendo que eu estava longe dos meus.

André Cruz, meu padrasto, por acreditar no meu sonho (às vezes até mais do que eu) e cuidar dele e de mim com tanto carinho.

Agradeço também a Relvane Lopes por criar junto comigo um lar seguro e estável para ser e florescer.

Agradeço aos meus amigos-amores pelo apoio nessa caminhada. A Mariana Nunes, minha fiel correspondente e a quem dedico grande parte das minhas cartas, sem ela, essa pesquisa talvez não existisse. A Amanda Martins e Nina Xará pelas metamorfoses que só o tempo pode proporcionar. A Mellanie Nascimento com quem sempre espreito um sonho novo e que foi de uma importância ímpar no auxílio da escrita dessa pesquisa. A Bel Xará e Marina Capitulino, pela manifestação do desejo nas aberturas, nos devaneios, nas escutas e nos

movimentos. A Briar Aguarrás por me mostrar novas formas de usar as palavras. Gabriel Cardona, por sua amizade sutil e pelas horas de trabalho ao meu lado na organização deste TCC. A Íris Gabriela, William Nery, joaoj, Leticia Maria, Giovanna Oliveira, Luiz Patricio, Sarah Cyrne, Alexandre Vitor, Isabella Lacerda, Marina Coutinho, bem como todos os integrantes da extensão de Gravura e do grupo Symbolismum (projetos coletivos os quais faço parte) pelas histórias cruzadas e saberes compartilhados ao longo dos anos de graduação. A todos os meus professores, especialmente meu professor-orientador Eduardo Romero pelos anos de oportunidade na pesquisa e no estudo e toda a paciência para comigo no processo de experimentação desses caminhos.

E ao meu destino, o qual agradeço e confio, para seguir tramando mais redes.

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta a análise dos cartões postais e da performance feitos no projeto *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* — uma investigação efetuada entre os anos 2023 e 2024, com apoio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC) concedida pela PROEcX-UFPE que consistiu no desenvolvimento de 80 cartões-postais, feitos em gravura e compartilhados com o público em uma performance — objetivando contextualizá-los enquanto ferramentas artísticas na construção de redes de conexão e afeto. Essa investigação, de caráter qualitativo e exploratório, teve como base o método cartográfico e foi dividida em três etapas: (1) coleta e análise dos arquivos imagéticos e textuais da pesquisa da BICC; (2) levantamento bibliográfico a partir de referências como Bruscky e Ingold, as quais foram costuradas às análises da primeira etapa; (3) materialização deste texto, o qual foi escrito em cartas, no formato de livro de artista, objetivando tornar tangível a palpabilidade da correspondência. Os resultados preliminares concebem a expansão das reflexões como os processos que antecedem a escrita de um cartão postal, os conflitos e confluências entre comunicação digital/artesanal, e os vínculos criados no momento em que o postal é enviado.

**Palavras-chave:** Arte postal; Correspondência; Cartas; Redes de conexão; Livro de artista.

## ABSTRACT

This research presents an analysis of the postcards and performance made in the project When you get there, send me a postcard - an investigation carried out between 2023 and 2024, with the support of the Cultural Creation Incentive Grant (BICC) awarded by PROEcX-UFPE, which consisted of the development of 80 postcards, made in engraving and shared with the public in a performance - with the aim of contextualizing them as artistic tools in the construction of networks of connection and affection. This research, which is qualitative and exploratory, was based on the cartographic method and was divided into three stages: (1) collection and analysis of the imagery and textual archives of the BICC research; (2) bibliographic survey based on references such as Bruscky and Ingold, which were sewn into the analyses of the first stage; (3) materialization of this text, which was written in letters, in the format of an artist's book, with the aim of making the palpability of the correspondence tangible. The preliminary results allow for the expansion of reflections such as the processes that precede the writing of a postcard, the conflicts and confluences between digital/artisanal communication, and the bonds created when the postcard is sent.

**Keywords:** Mail Art; Correspondence; Letter; Connections; Connections.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>18</b>
<b>Figura 2 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 3 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 4 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 5 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 6 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 8 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 9 - Cartão-postal, Sem título, gravura em relevo.....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 10 - Cartão-postal; Título, me ajude a olhar. Isogravura.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 11 - Cartão-postal; Título, me ajude a olhar. Isogravura.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 12 - Cartão-postal; Título, me ajude a olhar. Isogravura.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 13 - Cartão-postal; Título, me ajude a olhar. Isogravura.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 14 - Cartão-postal; Título, me ajude a olhar. Isogravura.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 15 - Cartão-postal. Título: de dentro de casa tudo muda. Gravura em PVC Expandido.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 16 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 17 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 18 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 19 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 20 - Cartão-postal. Título: achei que você era. Isogravura.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 21 - Cartão-postal. Título: achei que você era. Isogravura.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 22 - Fotografia do trabalho de Magali Polverino, The color of pasta is the color of sun. Argentina, 2024.....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 23 - Fotografia do trabalho de Magali Polverino, The color of pasta is the color of sun. Argentina, 2024.....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 24 - Fotografia livro de Cecilia Arbolave, Queria ter ficado mais. Brasil, 2015.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 25 - Cartões Postais, produção da autora. Recife, 2024.....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 26. Manifesto Fluxus.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 27 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE).....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 28 e 29 - Testes de envelope para versão física do TCC.....</b>	<b>79</b>
<b>Fotografia 1 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Recife, 2025.....</b>	<b>89</b>

<b>Fotografia 2 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal; Detalhe. Recife, 2025.....</b>	<b>90</b>
<b>Fotografias 3 e 4 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Detalhes internos e cartas capítulos. Recife, 2025.....</b>	<b>91</b>
<b>Fotografias 5 e 6 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Detalhes das cartas capítulos. Recife, 2025.....</b>	<b>92</b>
<b>Fotografias 7 e 8 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Cartões postais. Recife, 2025.....</b>	<b>93</b>
<b>Fotografias 9 e 10 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Fotografia revelada. Recife, 2025.....</b>	<b>94</b>
<b>Fotografias 11 e 12 - Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Relatos de experiência. Recife, 2025.....</b>	<b>95</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ARQUIVOS DA BICC.....</b>	<b>17</b>
ARQUIVO A - FOTOGRAFIAS DE NINA XARÁ DA PERFORMANCE QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL (2024).....	17
ARQUIVO B - CARTÕES POSTAIS DA PERFORMANCE QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL.....	25
ARQUIVO C - RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA PERFORMANCE QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL.....	38
<b>3 CAPÍTULO I.....</b>	<b>46</b>
2.1 Cartas da BICC.....	51
<b>4 CAPÍTULO II.....</b>	<b>65</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Recife, 20 de julho de 2025*

Caro leitor,

Essa carta é uma introdução à minha pesquisa. Num caráter formal, eu explicaria de maneira objetiva o que você encontrará aqui: o processo investigativo sobre um tema específico (sendo este a análise de um recorte de uma pesquisa que fiz em 2023, sobre arte postal), o meu objetivo com essa investigação (defender o cartão postal enquanto ferramenta artística de construção de redes de afeto), e o caminho necessário para ela ser feita (eu utilizei o método cartográfico).

Acontece que essa pesquisa sobre cartões postais me toca em lugares que não são exclusivos da logicidade e do estudo formal. É algo que conecta as várias facetas da Izabel que sou: a artista, a acadêmica e a arte-educadora em formação, assim como a filha, a irmã, a amiga, a amante, a vizinha... bem, a pessoa que sou. E é meu objeto de investigação — honestamente, é meu objeto de obsessão, o qual apenas tento formalizar aqui — há tanto tempo, enfrentando junto comigo tantas reformulações que apenas introduzi-lo nos moldes acadêmicos tem sido difícil pra mim. Em suma, quando escrevi a primeira versão dessa introdução, contei uma história que continua aqui, mas queria contextualizar as informações que em breve você lerá.

Além disso, como você já notou, estou me apresentando em uma carta. Escolhi este meio para me comunicar aqui, assim como fiz na pesquisa que analiso, por achar coerente que um texto que fala sobre cartões postais seja escrito em cartas. Mas tenho outro motivo também: ao longo da minha graduação refleti bastante sobre comunicação e conhecimento através do texto verbal. Por muito tempo, nem todas as escritas, modelos textuais e palavras me eram simples de entender, foi um processo custoso aprender a ler a língua da academia. Assim, busco, há um tempo, formas de tornar a palavra escrita e o pensamento acadêmico (o meu, pelo menos) mais acessíveis.

Carrego comigo até hoje uma das orientações que tive com a professora Bruna Rafaella Ferrer, na disciplina de Pesquisa em Artes — feita logo no meu segundo período da

graduação, bem novinha, em meio a um grupo de estudantes concluintes: tudo aquilo que eu escrevia e que parecia óbvio para mim, poderia não ser para alguém. Era importante ser esmiuçado e explicado, simples de assimilar, objetivando que eu conseguisse me fazer entender, bem como a minha pesquisa, para qualquer pessoa estando ela dentro ou fora da Universidade. Por isso apresento minha investigação nestas cartas e conto uma pesquisa-história, por acreditar em outras formas possíveis de narrar pesquisas.

Dito tudo isso, vamos ao que interessa:

*Recife, 28 de maio de 2025*

Lembro quando eu tinha ali pelos meus cinco/seis anos, que minha mãe tinha um amigo. Alguém que eu não conhecia, nunca havia visto em carne e osso. Mas ele tinha um nome, uma foto quadrada localizada no canto da tela do computador e suas palavras apareciam em uma caixa de mensagens. Era o tio Harrold, patriarca de uma família judia natural de Nova Jersey, nos Estados Unidos, se não estou enganada. Eu acredito que foi por causa dele e sua amizade com mamãe que comecei a me encantar com o correio. Eles, numa tentativa de expandir seu laço fraternal construído através de um monitor, decidiram compartilhar suas culturas em cápsulas postais: caixas viajantes dos correios cheias de ítems particulares de suas culturas. Enviamos Sonhos de Valsa e ganhamos pasta de amendoim, bombons de cupuaçu e POP Tarts de morango trocaram de nacionalidade. Fomos convidadas para o Bat Mitzvah da filha dele, a Devon. Nossos vistos foram negados, nunca chegamos a ir, mas hoje durmo com um dos brindes da festa: uma manta branca com a marca do aniversário dela.

Desde então penso sobre construção de vínculos, comunicação, telas e correios. Hoje, mais velha e longe de casa, sendo um corpo em trânsito, confronto as estranhezas da distância física que se impôs entre mim e aqueles com quem eu compartilhava a rotina. Obrigou-me a refletir sobre presença e ausência. Como estar perto mesmo com o corpo longe? Entendi que na palavra há a possibilidade de criar presença. A comunicação entrou em jogo e identifiquei outras formas de me fazer perto, dadas a partir da comunicação estabelecida de diferentes formas: ligações, mensagens, interações em redes sociais. Assim como o tio Harrold, eu passei a ser uma foto quadrada no canto da tela e minhas palavras existiam dentro de balõezinhos digitais.

Nesse processo, me questionei o quanto real era conversar através de uma tela. Curiosamente, foi no universo virtual que comecei ativamente a trocar cartas, lá em 2022. Trabalhando com recepção de público em uma instituição de arte em Recife, conheci uma visitante com interesse em aprofundar seus conhecimentos das pessoas artistas em exposição, me dispus a separar o que eu sabia e enviar virtualmente as informações. Nos dias seguintes, uma troca se desenrolou curiosamente: pelas mensagens, demorávamos muito para responder, sempre nos desculpando pelos longos intervalos de tempo entre uma resposta e outra. Com isso, disse que não precisávamos nos desculpar, que, na verdade, eu gostava da espera. A sensação era de trocar cartas. Como resposta, enviando-me seu e-mail escreveu: "[...] sem

querer criar novas demandas, mas se você for adepta das trocas mais demoradas, me manda uma cartinha eletrônica qualquer dia :)". Nesse fluxo, enviei, em junho daquele ano, minha primeira carta (virtual). Conversamos lenta e progressivamente. Assim, aprendi uma nova forma de me comunicar que me revelou o poder e a delicadeza de esperar a palavra e, consequentemente, a presença de alguém.

Em paralelo a essas indagações, o universo da comunicação postal e o universo artístico se chocaram. Entrei em contato com as artes de Paulo Bruscky (1949) e do Grupo Fluxus (1960–1970) conhecendo assim, uma reinterpretação do objeto artístico: algo não mais entendido apenas como mercadoria e que poderia ser exposto e compartilhado por diferentes meios, dentre eles o correio. Descobrir isso alimentou meu encanto pela possibilidade de trocar correspondências, ainda mais artísticas.

Nesse ínterim, durante a disciplina de Gravura A do curso de Artes Visuais da UFPE, com a possibilidade de escolher o tema a ser trabalhado em minhas gravuras, decidi trazer a carta para minha criação e desenvolvi um cartão postal. Programava enviá-lo para algumas pessoas no final daquele ano, inspirada na dona Cleia, amiga de minha avó, que todo Natal enviava cartões aos familiares e amigos como lembrança de seu carinho. Algumas cópias dos postais até ficaram prontas, mas nunca cheguei a finalizá-las, consequentemente não as enviei, e o projeto estagnou.

Compartilhei essas duas experiências - as cartas virtuais e o projeto de postais - com uma amiga que passou por um processo de migração semelhante ao meu, em que saímos de Belém rumo à outras capitais, eu para Recife, ela, São Paulo. Com isso, nos colocamos a pensar sobre nossa forma particular de comunicação, morando em diferentes estados, ensaiamos novas possibilidades de estabelecer contato. Chegamos à questão: como nossas conversas funcionariam se trocássemos cartas? Foi assim que ela, Mariana, se tornou minha principal correspondente e proporcionou minha primeira experiência postal ao me enviar cartões enquanto fazia uma viagem pela Europa.

Esse conjunto de fatores e o anseio de usar o correio para enviar minhas criações para pessoas queridas, fizeram com que eu elaborasse o projeto com arte postal, o qual se configurar como a primeira etapa desta pesquisa, *“Quando chegar lá, me envie um cartão”*

*postal*” submetido e aprovado pelo projeto de extensão Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC) da Pró-reitoria de extensão e cultura da UFPE, no ano de 2023.

O projeto consistiu no desenvolvimento de cinco matrizes de gravura nas técnicas de *Isogravura*, *PVC expandido* e *Neolite*, as quais deram origem a 80 cartões postais. Com essas cópias, o objetivo era enviar uma parte para entes queridos e disponibilizar a outra para um público diverso. Junto da parte artística, a investigação reflexivo-textual que fiz, partiu do registro do processo de criação dos postais, sua idealização, execução e questões que emergiram ao longo de sua construção, com foco em desmistificar o discurso de dom que o atravessa, compreendendo que o ato de criar arte é uma experiência de fluxo não linear de intenso labor.

Também escrito em cartas, foi amparado pelas palavras de Rainer Maria Rilke (1875–1926) enviadas a Franz Kappus (1883–1966) que reuniu e publicou-as no livro *Cartas a um Jovem Poeta* (1929). Em seus escritos, Rilke desanuvia as angústias de Kappus, aspirante a escritor, aconselhando-o a olhar seu processo de escrita com paciência, entendendo que as ideias e o ímpeto de criar precisam de tempo e amadurecimento. Entremeadas, outras duas investigações também ocorreram: refleti sobre o caminho da obra de arte dentro e fora do circuito formal das galerias, museus e até mesmo do âmbito acadêmico e como uma circulação descentralizada poderia construir outras redes comunicacionais e conectar pessoas fora desse eixo formal, utilizando sempre o cartão postal como objeto artístico e ferramenta investigativa.

Na minha pesquisa, para tirar o objeto artístico dos espaços formais de arte, democratizando o seu exercício de apreciação, após a feitura dos postais, fiz uma performance, em que eu, junto de algumas cópias de cartões, estivemos no hall do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE, abrindo espaço para quem tivesse interesse em conhecer o meu trabalho e participar dele, escolhendo um postal a ser enviado gratuitamente para alguém. Acontece que esses dois últimos caminhos foram pouco explorados em detrimento do tempo de execução do projeto (na época, BICC era um projeto de extensão com duração de seis meses). Sendo assim, a atual pesquisa, funciona como uma continuação, em que decidi fazer um recorte de aprofundamento da análise do cartão postal enquanto ferramenta de criação de redes de afeto, especificamente na minha pesquisa. Para isso, selecionei alguns arquivos da pesquisa original, divididos aqui em duas partes: a primeira

sendo uma “pasta” de arquivos, que abre esse texto e inclui 14 cartões postais que foram escritos pelo público participante da performance; algumas fotografias da ação, para um visita imagética e afetiva da vivência e sete relatos de experiência de participantes da ação final. A segunda parte consiste no primeiro capítulo, este, composto por algumas cartas que escrevi nos seis meses de investigação da BICC, que contemplam o recorte temático continuado aqui. A terceira e última parte é o segundo capítulo. Também escrita em cartas, destinadas ao meu orientador, reflete sobre todo o material apresentado nas partes antecessoras costurada nas leituras que fiz, principalmente os textos *A ARTE CORREIO E A GRANDE REDE hoje, a arte é este comunicado* de Paulo Bruscky e *Correspondences* de Tim Ingold. Ao final, apresento no apêndice que encerra esse texto, a versão física desta pesquisa, a qual foi materializada em uma pasta de arquivos/livro de artista, desenvolvida com o intuito de consolidar a importância da carta e de outras formas de divulgar palavra e arte que defendo aqui. Foram feitas cinco cópias físicas: uma é minha, claro; duas para cada Examinadora da banca (para mim sempre foi primordial que elas lessem meus escritos a partir da versão física); uma para meu orientador e uma que será (no momento em que escrevo ainda não há certeza de que isso é possível) dada para a Biblioteca do Centro de Artes e Comunicação, com o objetivo de compor seu acervo e estar acessível ao público.

Para trilhar esse caminho, na busca por formalizar o método da minha investigação, me deparei com o texto *Escavar a história: registro como arqueologia de si* de Mariana Mariotto. O título sozinho me fez pensar nas minhas várias pesquisas e reflexões escritas, sempre ligadas a algum tipo de história particular registrada num diário, numa agenda, numa carta (formas de escrita as quais foram, curiosamente, todas citadas em seu texto). Em seu escrito, Mariana compartilhou o sonho da infância de ser arqueóloga e que hoje, adulta, percebeu que na escrita há algum tipo de arqueologia possível.

Lendo as palavras dela pensei que talvez esta pesquisa, que se debruça sobre processo de análise de arquivos, seja exatamente o que uma análise de arquivos antigos é: uma arqueologia. Assim, na tentativa de formalizar a investigação dos vestígios reflexivos que englobam a percepção do meu projeto, *Quando chegar lá me envie um cartão postal*, e a ferramenta cartão postal, eu equiparo o pensamento arqueológico proposto por Mariana ao método de pesquisa cartográfico, pois comprehendo que minha maneira de investigar se desenrola um processo ativo de pesquisa-troca-intervenção-reformulação. Almejo, aqui, abrir

espaço, assim como fiz durante a BICC, para a flexibilização da investigação abraçando eventuais mudanças, permitindo uma pesquisa flexível e viva.

Bom, caro leitor, finalizo minha introdução aqui! Espero que nessa caminhada que faremos juntos pelas minhas palavras, mesmo que em espaço-tempos diferentes, cheguemos em algum lugar, independente de qual seja. Me cativa mais descobrir os percursos possíveis.

Com carinho,  
Izabel Karime.

## 2 ARQUIVOS DA BICC

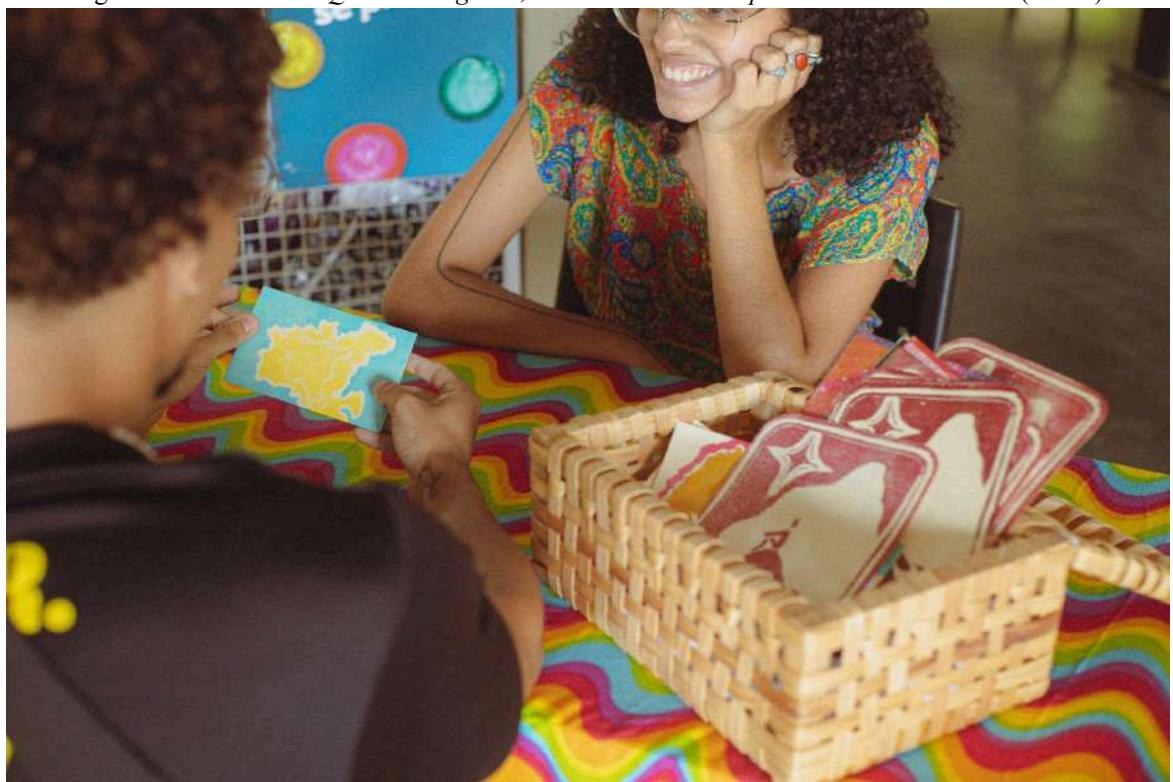
### ARQUIVO A - FOTOGRAFIAS DE NINA XARÁ DA PERFORMANCE *QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL (2024)*

Figura 1 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 2 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 3 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 4 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 5 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



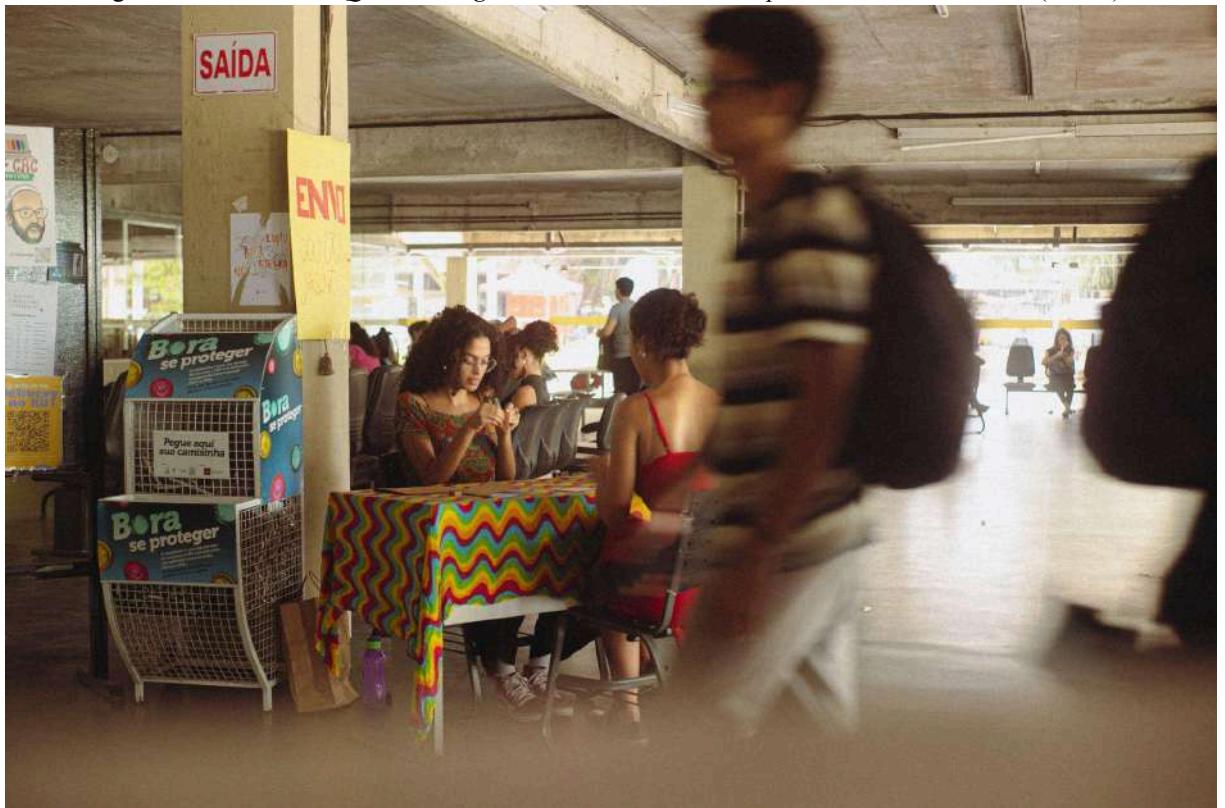
Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 6 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 7 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

Figura 8 - Performance Quando chegar lá, me envie um cartão postal realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024

**ARQUIVO B - CARTÕES POSTAIS DA PERFORMANCE  
QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL**

Figura 9 - Cartão-postal, *Sem título*, gravura em relevo

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024



Figura 10 - Cartão-postal; Título, *me ajude a olhar. Isogravura*

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

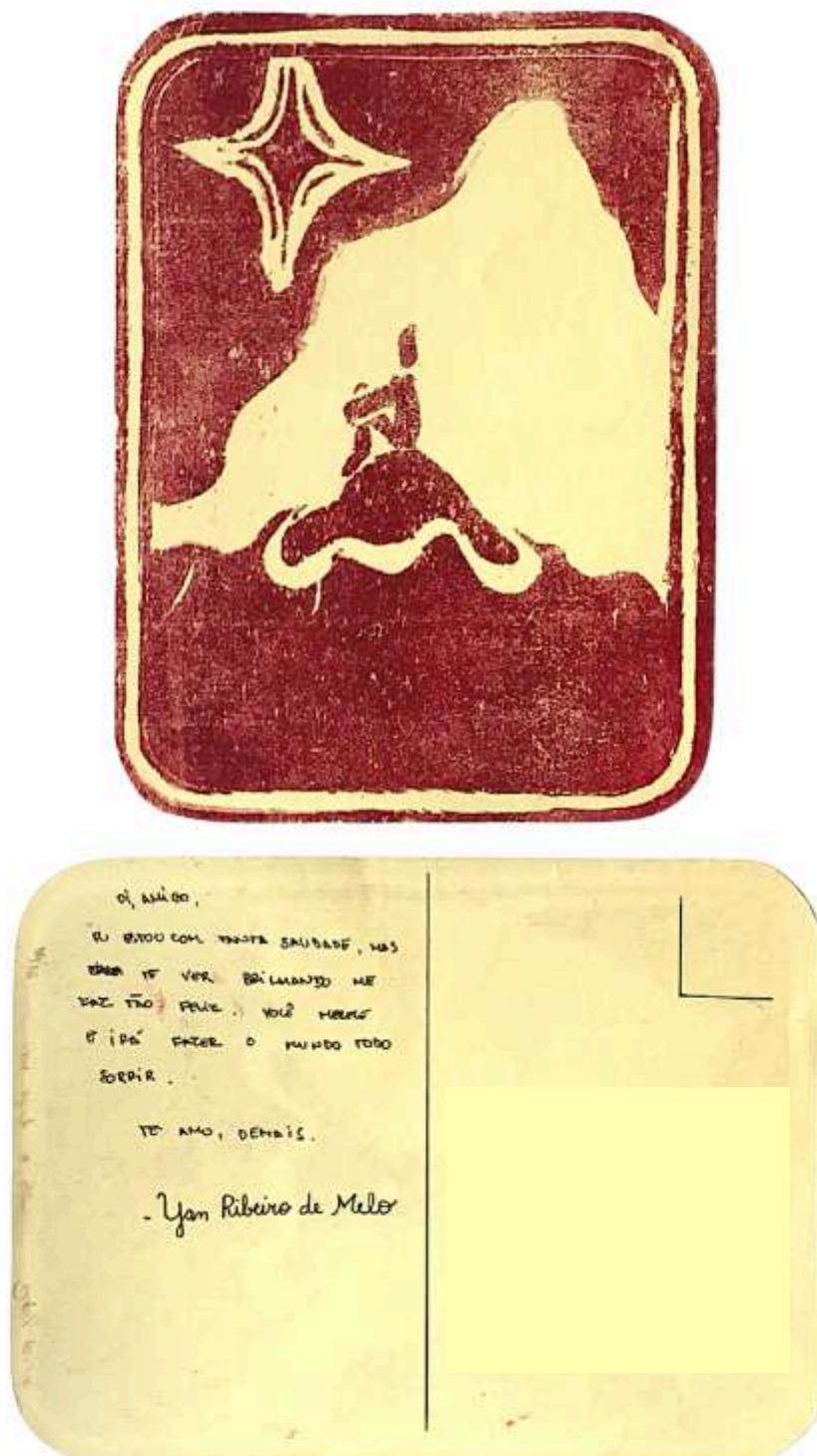


Figura 11 - Cartão-postal; Título, *me ajude a olhar. Isogravura*

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

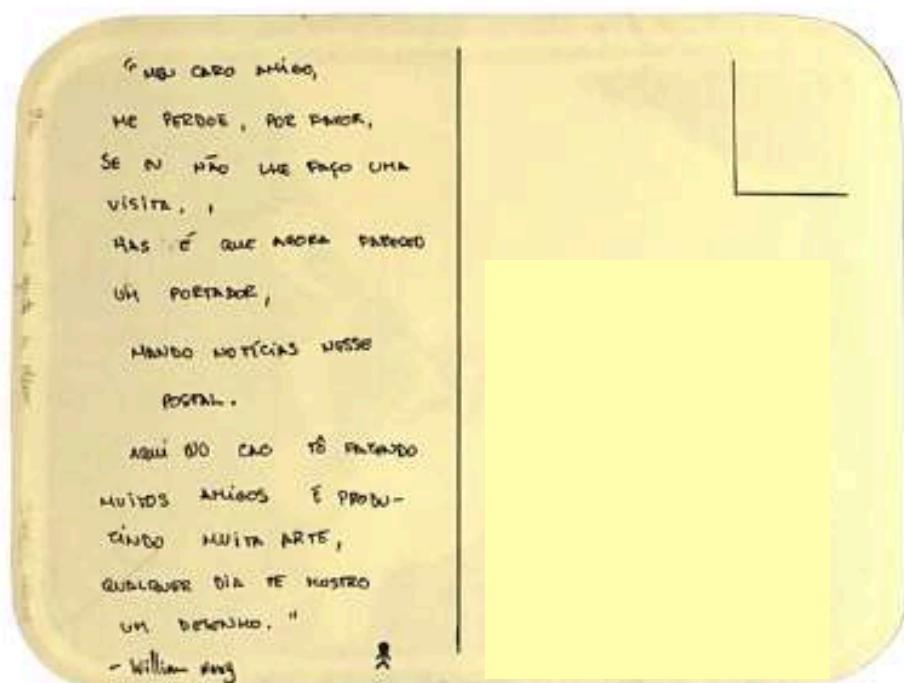
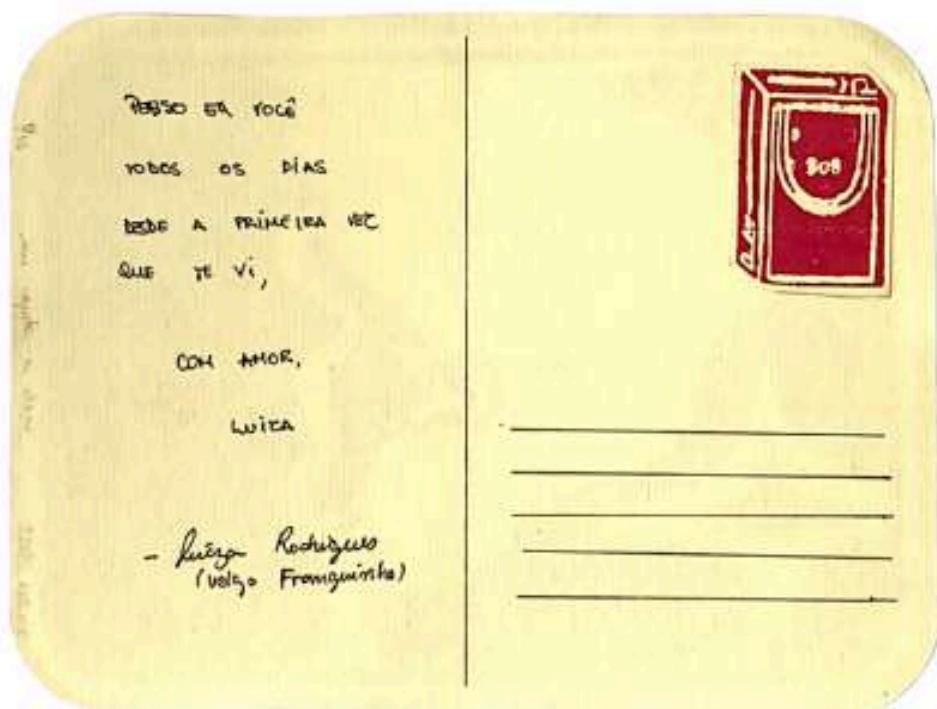


Figura 12 - Cartão-postal; Título, *me ajude a olhar. Isogravura*



Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

Figura 13 - Cartão-postal; Título, *me ajude a olhar. Isogravura*

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024



Figura 14 - Cartão-postal; Título, *me ajude a olhar. Isogravura*

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

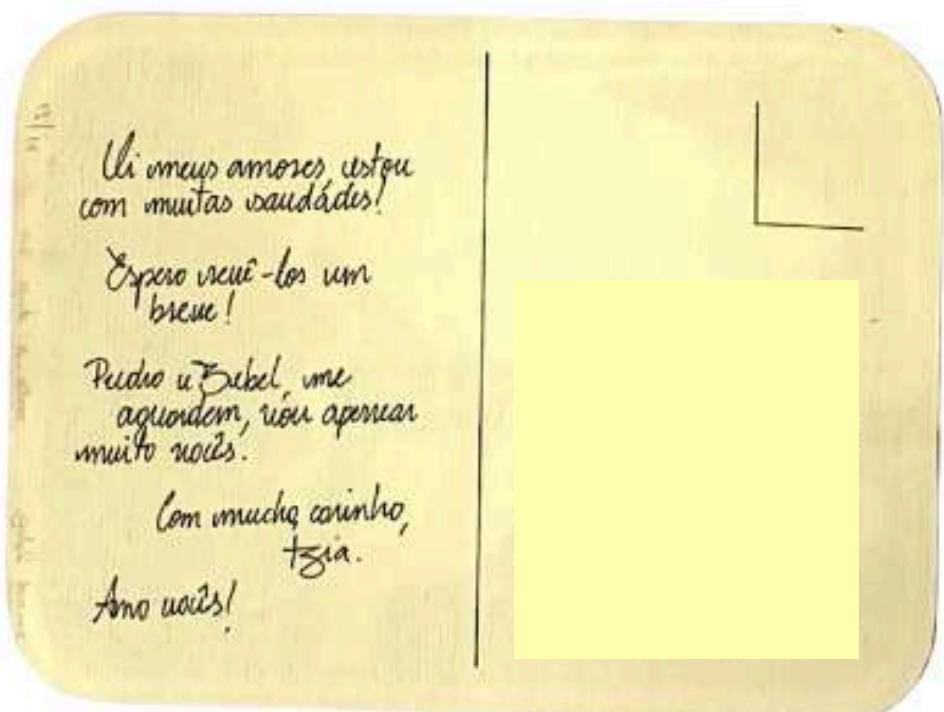


Figura 15 - Cartão-postal. *Título: de dentro de casa tudo muda. Gravura em PVC Expandido*

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

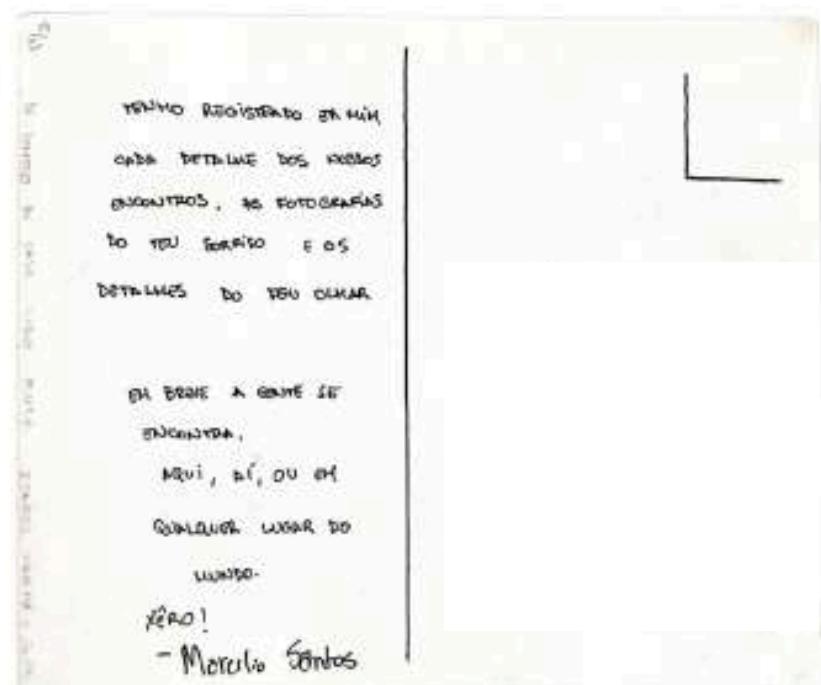
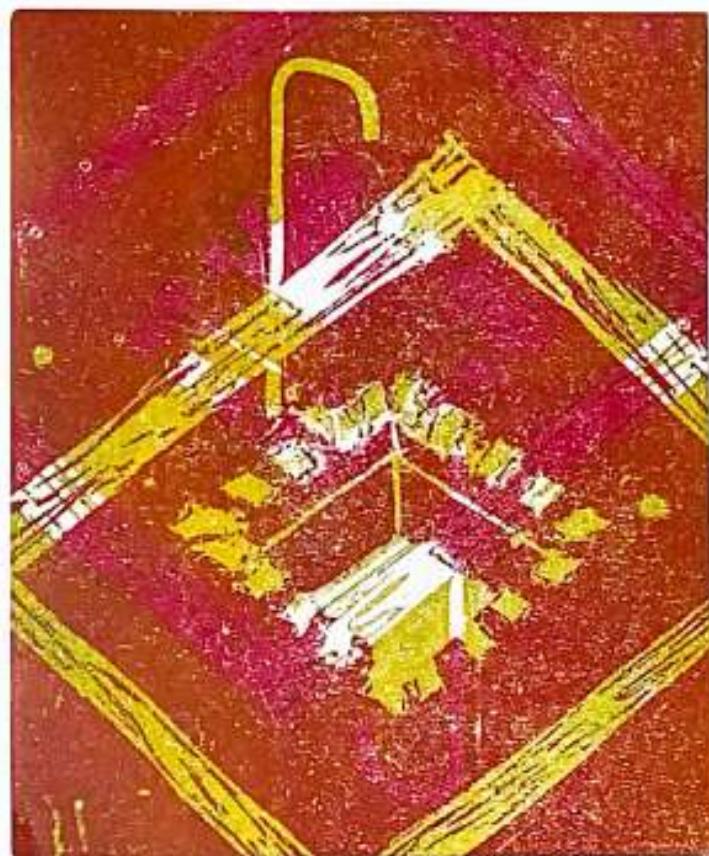


Figura 16 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024



Figura 17 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

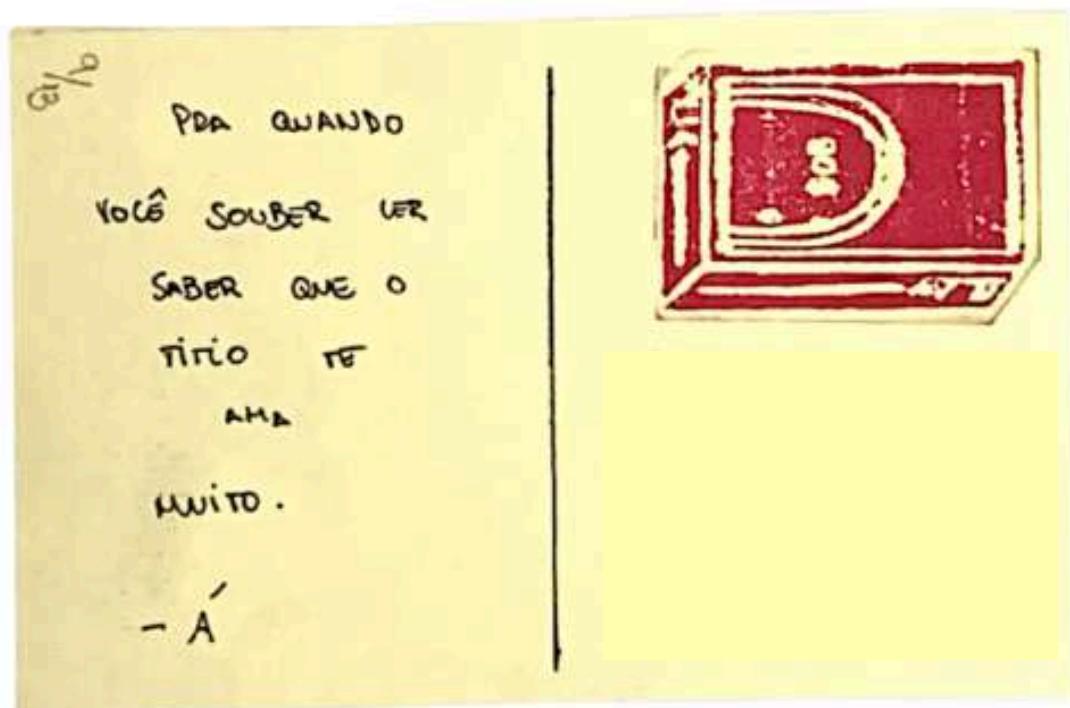
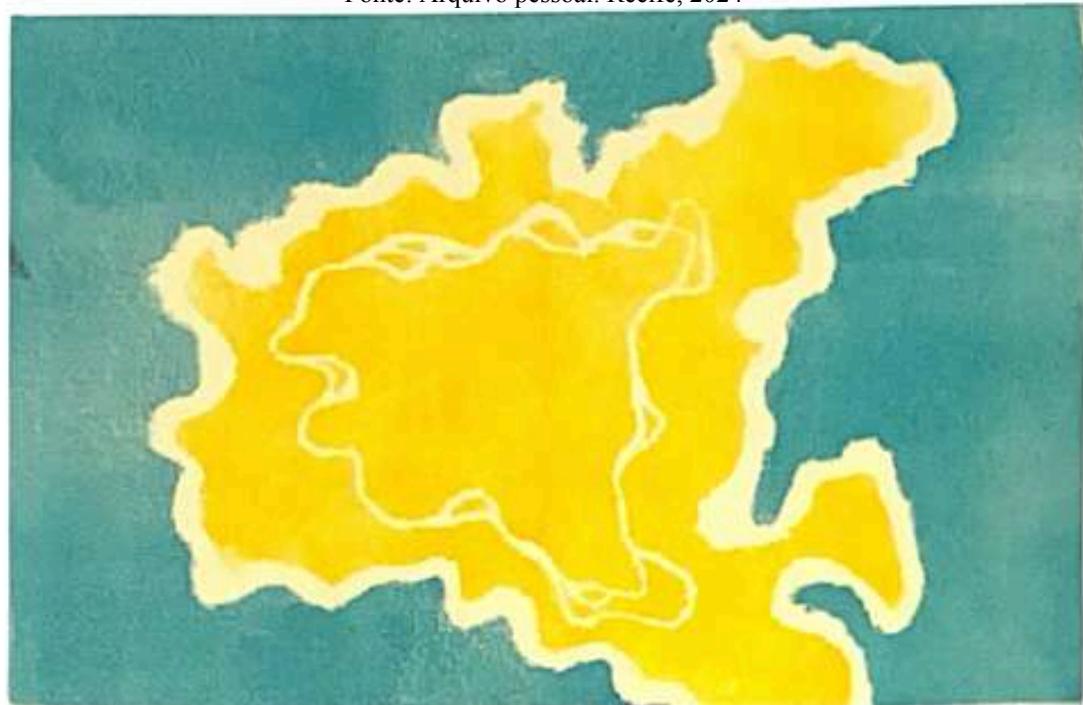


Figura 18 - Cartão-postal. Título: mapa da felicidade. Isogravura

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

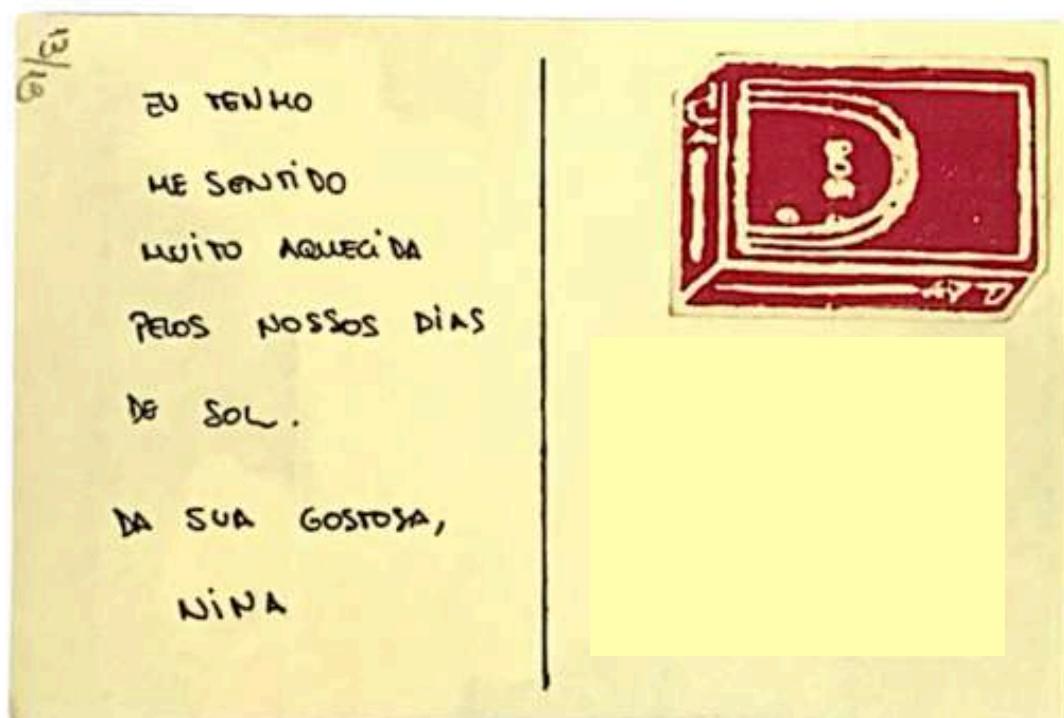
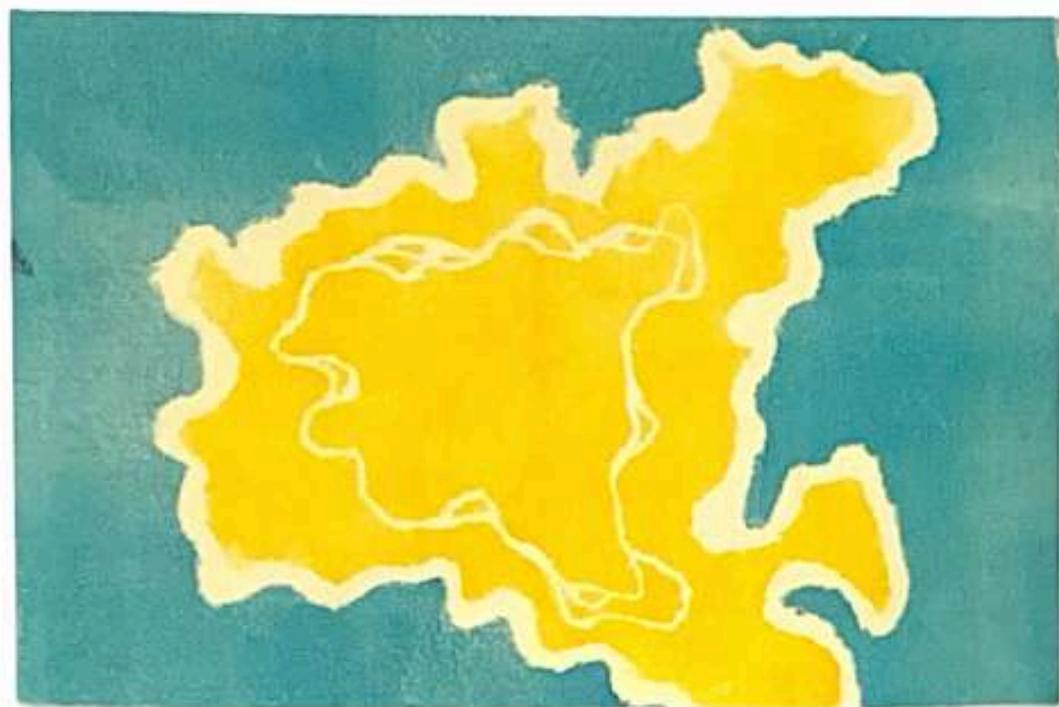


Figura 19 - Cartão-postal. Título: *mapa da felicidade. Isogravura*



Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

Figura 20 - Cartão-postal. Título: *achei que você era*. Isogravura

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024

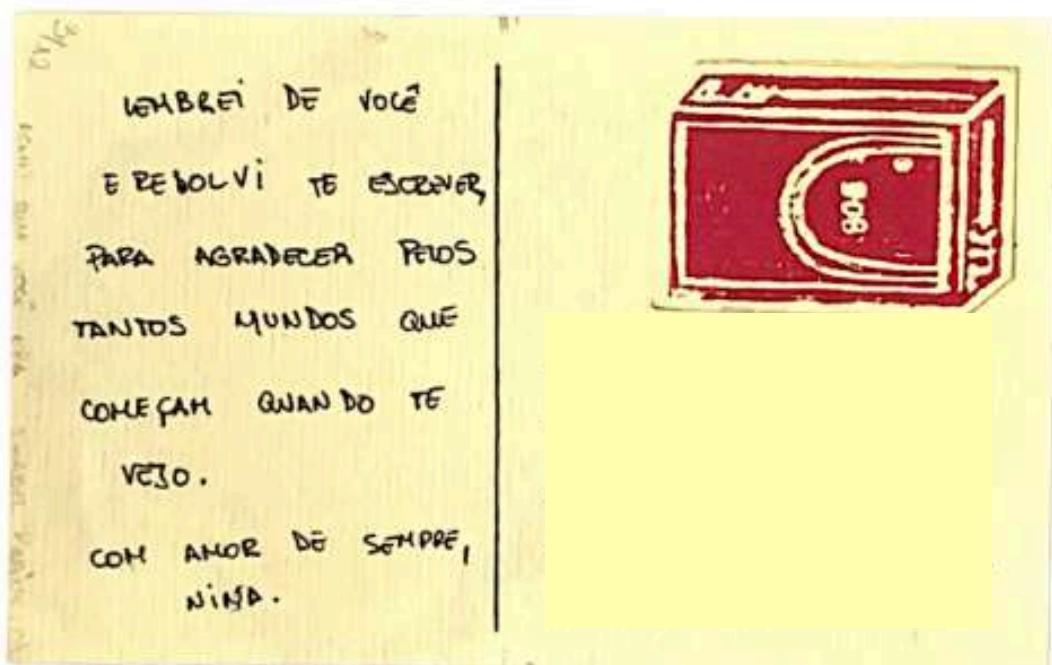
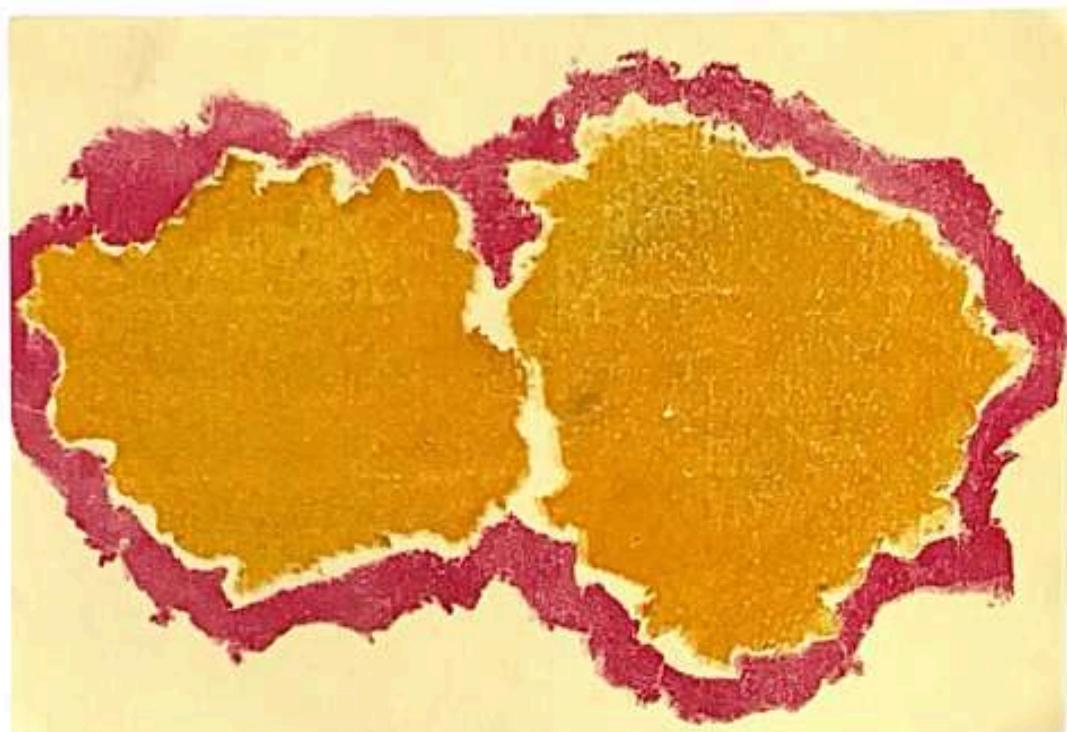
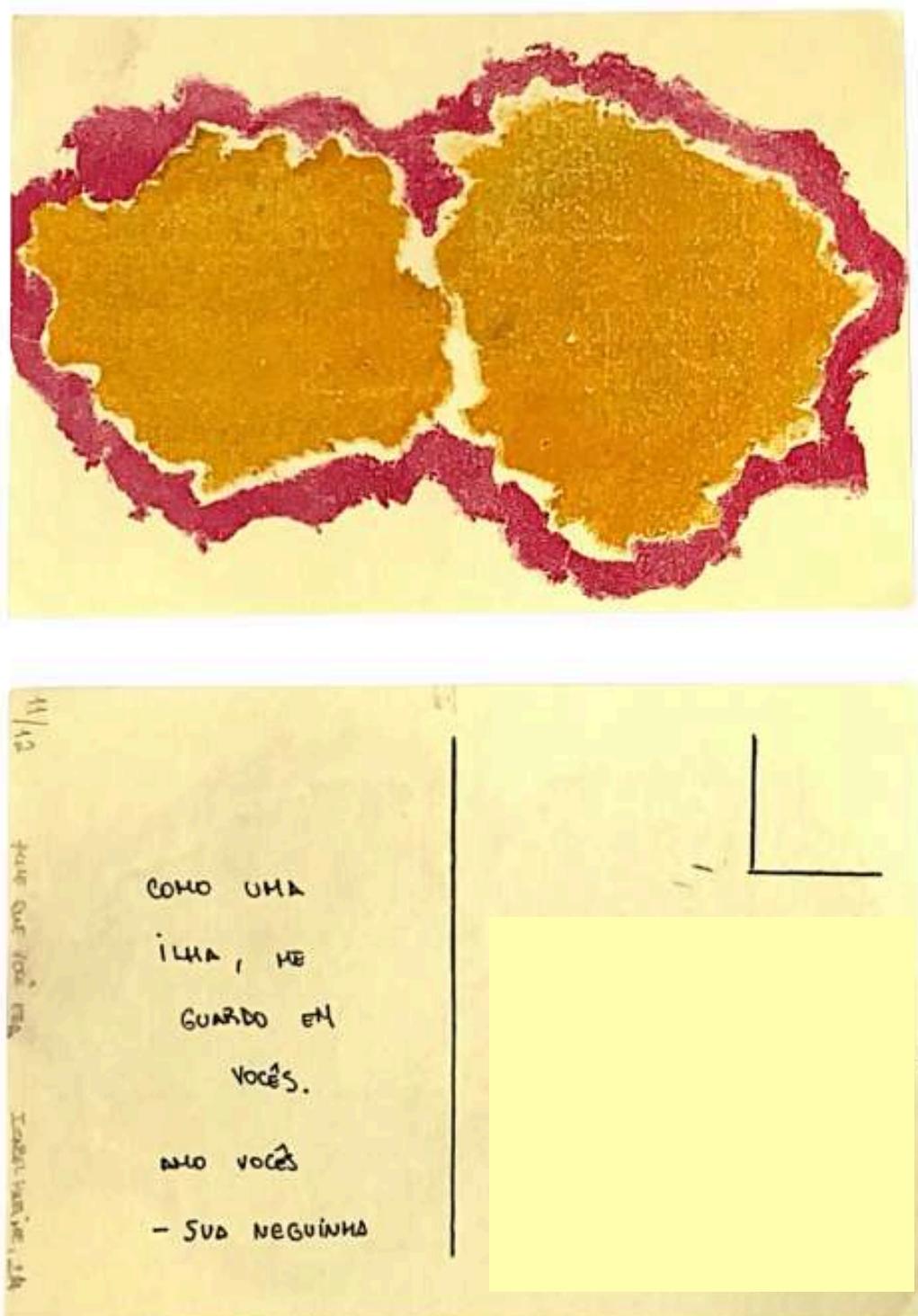


Figura 21 - Cartão-postal. Título: *achei que você era*. Isogravura

Fonte: Arquivo pessoal. Recife, 2024



ARQUIVO C - RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA PERFORMANCE  
*QUANDO CHEGAR LÁ, ME ENVIE UM CARTÃO POSTAL*

Perguntas guias

QUAIS SUAS RECORRÊNCIAS DE EXPERIÊNCIA  
DE PARTICIPAR DA PERFORMANCE?

LEMBRA QUAIS SENTIMENTOS PASSARAM  
POR VOCÊ? QUAIS SENTIMENTOS SURGEM  
AGORA, AO VOLTAR PARA AQUELE  
MOMENTO?

VOÇÊ ACHA QUE COM O CARTÃO/ARTE  
POSTAL É POSSÍVEL CRIAR CONE-  
XÕES E REDES DE AFETO?  
SE SIM OU SE NÃO, POR QUAL MOTIVO?

### **Relato de experiência de Giovanna Oliveira**

Lembro de me sentir vulnerável, exposta, mas de uma forma boa. Falar sobre alguém que ama é uma coisa, mas mandar um cartão para tal pessoa se mostrou uma experiência diferente do que eu esperava. No momento da performance conversamos sobre conexões, amores, ciclos e decisões. Decisões que se refletem desde o cartão escolhido (cujo as ilustrações tiveram uma grande influência) até às palavras descritas. Voltando para aquela conversa vejo como foi importante tirar um momento para pensar com carinho nas palavras que usamos, para serem ditas de uma forma tão especial. Foi muito mais intimista pensar em um pequeno texto que viajaria alguns quilômetros para chegar ao destinatário, tão diferente da rapidez que as mensagens virtuais - tão cotidianas - oferecem. A arte postal cria redes de afeto antes mesmo de ser enviada a alguém, o processo que a antecede já cria conexão (mesmo que não física, ainda).

## Relato de experiência de Íris Gabriela

Íris Gabriela – 02 de julho de 2025

Na época lembro de estar perdidamente apaixonada, em um romance quase que proibido. Meu sentimento é de querer participar mas não sabia muito bem para quem escrever, então escolhi a paixão. Lembro de me sentir perdida, não sabia quais palavras usar, tanto que nem lembro exatamente o que escrevi - acho que o amor tem dessas coisas, né?

Recordar me faz rememorar o que se passava na minha cabeça e vida naquele momento, momento de muitas mudanças de direções e de muita entrega pra viver, mesmo com muito medo e perdida, ainda queria viver, pisar no incerto, me jogar num céu sem fim. Entender que hoje tenho vivido o que me joguei pra viver naquele tempo é tão reconfortante.

Sou um tipo de pessoa que acredita que as memórias que são construídas nas trocas são as mais belas, marcantes e memoráveis. A arte do envio e da troca de cartões postais é uma forma de dizer ao outro “lembrei de você e te carrego comigo”, de mandar um recado ou contar o que guardou no coração naquele pequeno registro, com certeza é algo que fortalece os laços, criar vínculos e afetos através da troca.

## Relato de experiência de Bel Xará

1 / 1

lembro de ficar nervosa com a ideia de alguém escrevendo minhas palavras, nunca tive uma experiência assim, até essa! mas, por confiar em bel, só fui verdadeiramente.

esse, coincidentemente, foi um dos dias mais fortes da minha vida: última vez que vi meu avô. lembro de estar serena, pois ele me transmitiu isso, e, ao mesmo tempo, afobada porque quase não chegava a tempo da performance. andar de ônibus em Recife é caótico. hoje, quando reli, fiquei emocionada e certa de que existe algo, um mistério, que nunca será compreendido totalmente.

com certeza! com as "conexões" cada vez mais aceleradas e simultâneas, o hábito de trocar bilhetes e viver outro tempo é um resgate muito precioso.

bel,

2025

## Relato de experiência de Beatriz Barros

Beatriz Barros, 05 de julho de 2025

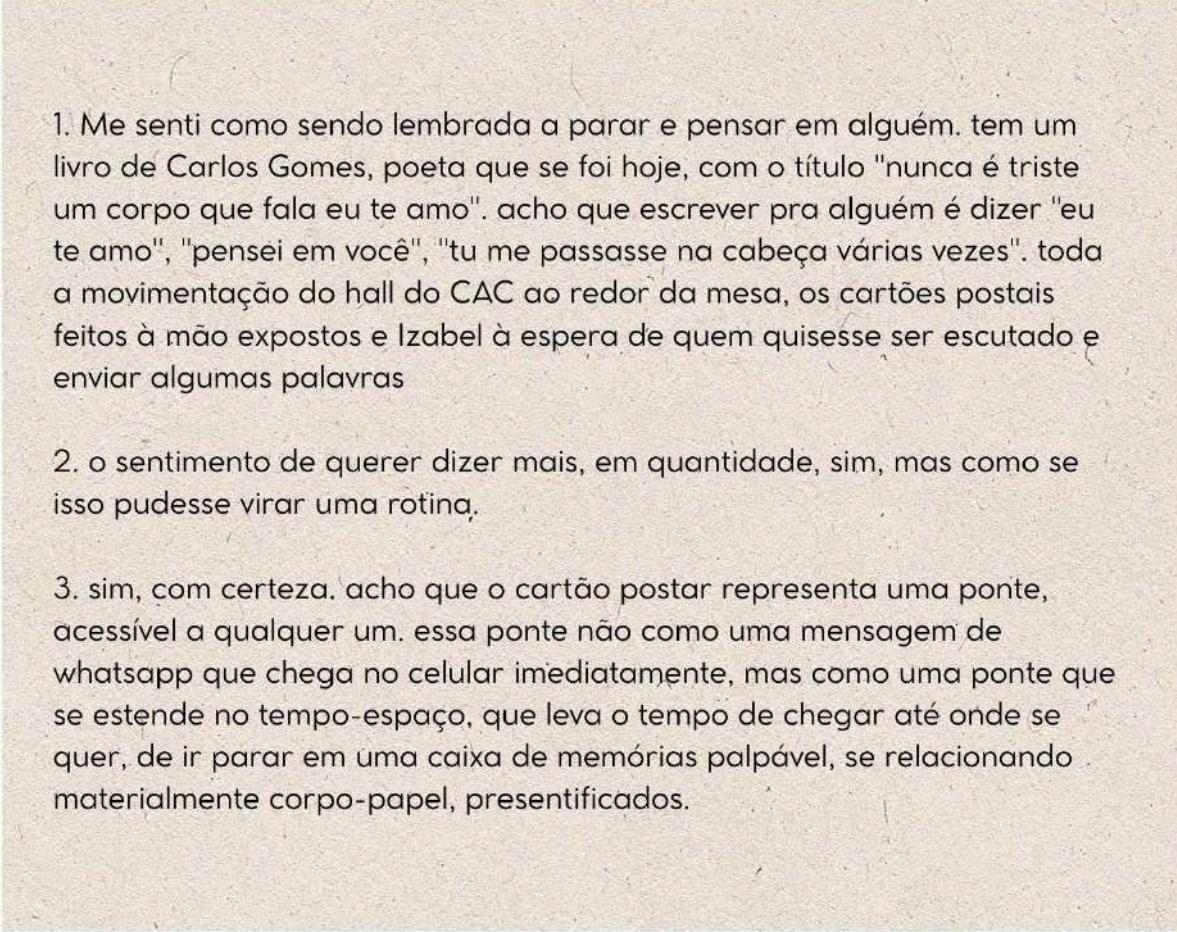
Lembro de assistir aos stories da Izabel no Instagram e ver algumas cianotipias com flores, fiquei apaixonadaaa pela ideia dos cartões postais. Por causa disso, saí mais cedo de casa para chegar no horário e conseguir participar da performance.

Tinha muito a dizer com aquela carta, mas tudo cabia na palavra saudade. Uma saudade não cabe em uma ou duas palavras, mas cabe no gesto em dizer que amo. Lembro de estar ansiosa para revê-los — como sempre fico — na expectativa de reencontrar meus pais, irmãos, avós e tantos outros. Não há lugar onde eu me sinta mais protegida e amada do que perto deles. E isso é imenso. Quando voltei para Maceió, já era Natal. Perguntei em casa se alguém tinha recebido alguma carta... meu pai disse que não, mas eu também não expliquei do que se tratava, e deixei pra lá. Pensei: "Izabel não mandou minha cartinhaaa, kkk... ou ela tomou outros rumos". Mas, no fundo, eu sabia que independente do tempo em que ela chegasse, a mensagem seria a mesma: saudade. E se eu mandasse uma carta hoje, continuaria dizendo o mesmo: SAUDADE!

Sobre a conexão “Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. (...) Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas”.

Toda carta, pra mim, é um gesto abundante de amor, é um sentimento que não se dissolve no tempo. Com certeza os cartões postais são redes de afeto. É sinônimo de presença, cuidado, intimidade, é uma morada.

## Relato de experiência de Nina Xará



1. Me senti como sendo lembrada a parar e pensar em alguém. tem um livro de Carlos Gomes, poeta que se foi hoje, com o título "nunca é triste um corpo que fala eu te amo". acho que escrever pra alguém é dizer "eu te amo", "pensei em você", "tu me passasse na cabeça várias vezes". toda a movimentação do hall do CAC ao redor da mesa, os cartões postais feitos à mão expostos e Izabel à espera de quem quisesse ser escutado e enviar algumas palavras
2. o sentimento de querer dizer mais, em quantidade, sim, mas como se isso pudesse virar uma rotina,
3. sim, com certeza. acho que o cartão postar representa uma ponte, acessível a qualquer um. essa ponte não como uma mensagem de whatsapp que chega no celular imediatamente, mas como uma ponte que se estende no tempo-espacó, que leva o tempo de chegar até onde se quer, de ir parar em uma caixa de memórias palpável, se relacionando materialmente corpo-papel, presentificados.

## Relato de experiência de Mellanie Nascimento

Me recordo de estar num espaço de conforto, por estar em uma mesa com uma grande amiga, e de inquietação por estar numa situação que, de certa forma, chamava a atenção das outras pessoas que passavam pelo hall do CAC naquele momento. Tenho sentimentos muito bons tanto pela pessoa que estava realizando a performance, quanto pela pessoa que enviei a mensagem, então me senti contente e ansiosa porque é uma situação a qual nossa geração não está acostumada... Escrever algo que vai demorar um tempo para chegar no outro.

Foi como se no ato de contar à Izabel o que eu queria dizer, eu estivesse assumindo um afeto presente por meio de um modo de comunicação do passado. Foi especial. Ao relembrar desse momento eu fico feliz, pois algumas coisas já mudaram. Minha amiga já não está mais em São Paulo (a cidade de pedra) e eu já estou prestes a me mudar de Recife, logo, é bom lembrar que estamos sempre em movimento e nossa amizade segue firme. Sigo pensando nela em todos os lugares.

Acho sim que por meio da arte postal podemos criar redes de afeto com o outro porque não é a mesma sensação de receber uma mensagem comum, como nas redes sociais. Existe algo na materialidade do cartão (ainda mais um feito artisticamente), no selo, na escrita à mão, no fato de você ter sido escolhido por alguém para receber tal cartão, que é até indescritível. É uma experiência estética e afetuosa. Também penso que esse afeto poderia não ser bom! Não acho que as pessoas e a arte tenham apenas coisas bonitas a dizer e por isso, o cartão postal aparece como possibilidade de enviar para aqueles, conhecidos e desconhecidos, diversas possibilidades de provocação, uma provocação que chega até o seu endereço e te convida a senti-la.

## Relato de experiência de William Nery

**William Nery De Barros, 4 de julho de 2025.**

- 1) Eu estava voltando do almoço, me preparando para uma prova de história que aconteceria em poucos minutos, quando encontrei bebel escrevendo os postais no hall do CAC. Lembro que gostei bastante de escrever para uma amiga, e passar por essa experiência me deixou tranquilo.
- 2) Fiquei um pouco ansioso, preocupado com o que iria escrever, e com medo de acabar demorando muito para as pessoas que ainda estavam na fila, mas também me sentia feliz por estar rodeado por artistas tão legais. Eu penso agora que aquela tarde foi bem legal, uma chance rara, no cotidiano, de se comunicar de forma diferente.
- 3) Acredito que sim. Por ter se transformado em um meio pouco convencional de comunicação, é sempre uma surpresa para quem recebe. O postal preserva um brilho que foi perdido nas mensagens de celular: se recebemos um postal com poucas palavras, sabemos que o gesto já comunica muito.

### 3 CAPÍTULO I

*Recife, 28 de maio de 2025*

Caro Romero,

Após nossa breve conversa acerca do meu trabalho de conclusão de curso e as possibilidades para fazê-lo sob tua orientação, organizei os conteúdos que tenho até agora, feitos ao longo da pesquisa *Quando chegar lá, me envie um cartão postal*<sup>1</sup>. Refleti sobre qual caminho tomar aqui, pensando nos três eixos reflexivos que delimitei para ela, a partir de meus estudos com Arte Postal. Não sei se te recordas, mas foram esses: no primeiro, pensei sobre o tempo do meu processo artístico equiparado a um tempo mercadológico; no segundo tentei refletir sobre a circulação da obra de arte fora do campo formal (galerias, museus e até mesmo o mundo acadêmico); e no terceiro, como a circulação descentralizada poderia abrir espaço para possíveis construções de redes de conexão e afeto.

Trazendo tudo isso para o presente, ao reler as cartas que escrevi para Mariana entre 2023 e 2024, percebi que meu foco investigativo se fixou principalmente no primeiro tópico em que conto as minúcias do meu processo, tocando levemente nos outros dois. Agora, para essa pesquisa, gostaria de focar no terceiro eixo e refletir sobre a possibilidade que tive de construir conexões e afetos enquanto pesquisava. Pensando nisso, decidi selecionar algumas cartas da pesquisa, que refletem sobre essas conexões afetivas.

Para somar a esse argumento, também te envio um anexo com alguns cartões postais que compuseram a performance, acompanhados de registros fotográficos. Com isso, pretendo analisar todos esses arquivos para fazer algumas costuras com minhas leituras atuais.

---

<sup>1</sup> Quando chegar lá, me envie um cartão postal, foi uma pesquisa feita por mim, entre os anos de 2023 e 2024, com apoio da BICC — Bolsa de Incentivo à Criação Cultural, concedida pela PROEXC — UFPE. Nela, em um conjunto de cartas endereçadas à uma amiga, Mariana Nunes, apresento uma investigação que costura as características da Arte Postal e reflexões pessoais do meu processo artístico ao desenvolvê-la. A pesquisa teve três eixos temáticos, com foco na análise do processo e resultou no desenvolvimento de 80 cartões-postais, feitos em gravura e compartilhados com o público em uma performance. Os resultados dela compõem o anexo deste trabalho.

Além do tópico temático desta pesquisa, gostaria de falar da estrutura de apresentação deste TCC. Em sintonia com a experiência sensorial da carta e do postal, anseio fazer uma versão dele, numa estrutura meio livro de artista meio pasta de arquivo<sup>2</sup>. Separei referências que tenho para a estrutura que quero criar, assim, você pode ter melhor acesso às minhas ideias (Figuras 22, Figura 23 e Figura 24).

Acho que essas são as indicações que tenho por enquanto, seguirei lendo e escrevendo sobre isso, na tentativa de encorpar minhas ideias, e fico no aguardo da tua opinião! Me conta o que achas dos arquivos, se eles fazem sentido, se te recordas de algo que poderia entrar aqui, ou até mesmo que deveria sair.

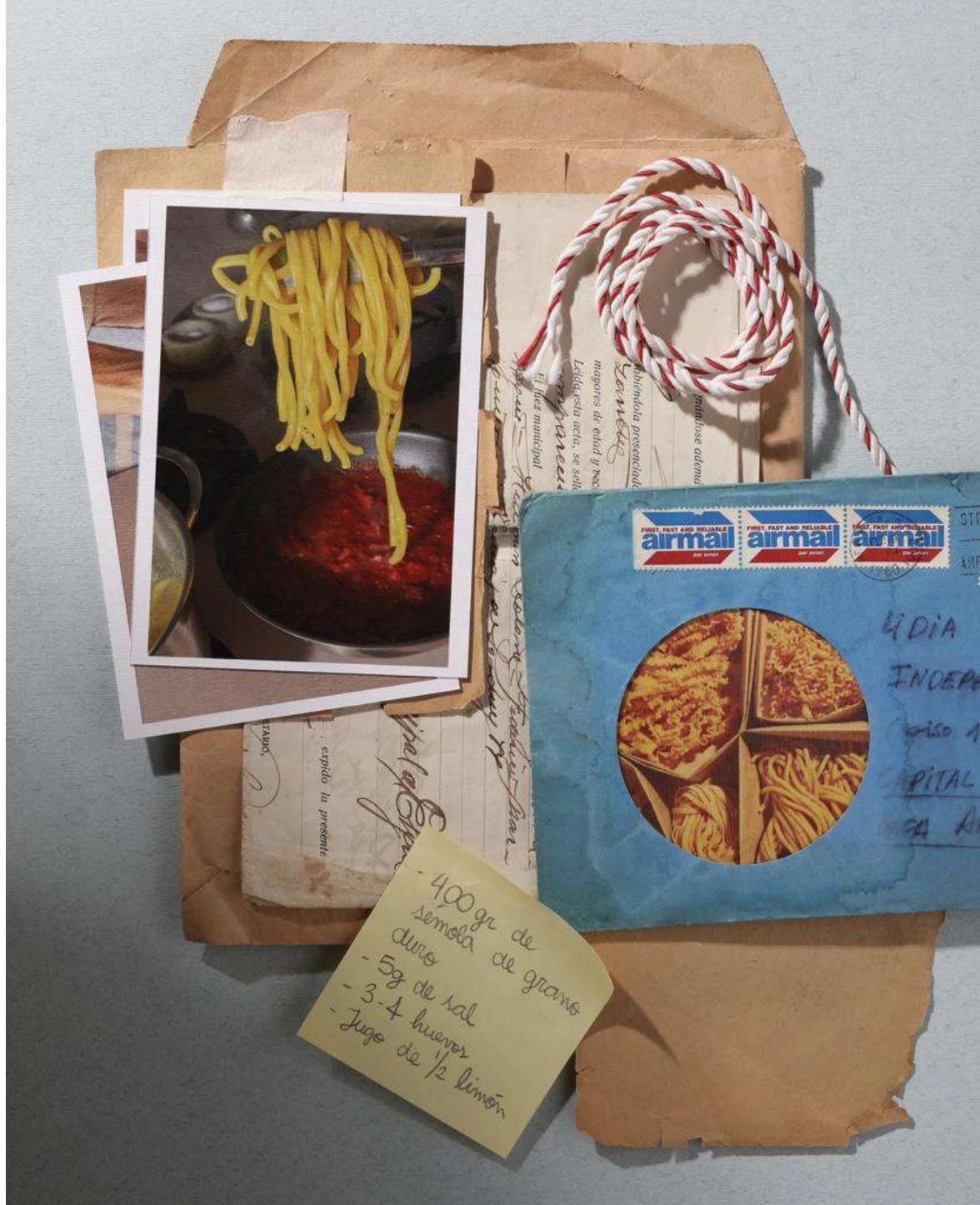
Com carinho,

Iza.

---

<sup>2</sup> No Apêndice desta pesquisa, é possível ver a versão final do livro de artista em detalhes.

Figura 22 - Fotografia do trabalho de Magali Polverino, *The color of pasta is the color of sun*. Argentina, 2024.



Fonte: Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/191906455/The-color-of-pasta-is-the-color-of-the-sun>.  
Acesso em: 8 maio 2025.

Figura 23 - Fotografia do trabalho de Magali Polverino, *The color of pasta is the color of sun*. Argentina, 2024.



Fonte: Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/191906455/The-color-of-pasta-is-the-color-of-the-sun>.  
Acesso em: 8 maio 2025.

Figura 24 - Fotografia livro de Cecilia Arbolave, *Queria ter ficado mais*. Brasil, 2015.



Fonte: Arquivo da pesquisa. Recife, 2025.

## 2.1 Cartas da BICC<sup>3</sup>

*Recife, 05 de outubro de 2023*

Mari,

Te escrevo esta carta pelo seguinte motivo: como já te falei, o projeto de cartões postais que desenvolvi e submeti para a Bolsas de Incentivo à Criação Cultural (BICC), vinculada ao programa de incentivo à cultura da UFPE, foi aprovado! Bom, a partir desse mês ele começa a ser desenvolvido e ao final, precisarei entregar um texto falando do que foi feito ao longo dos seis meses de atividade. Decidi, assim, registrar minha experiência criando meus cartões postais através de cartas. Fiquei pensando em como registrar todo esse caminho, refletindo como escrever sobre arte na universidade; como me adequar às normas academicistas sem perder a poesia que me cabe nas criações? Por achar menos pragmático que um artigo, escolhi relatar minha vivência num relato de experiência, estruturado nessas cartas. Acho que faz sentido né? Se farei postais, não seria interessante guardar essa experiência em cartas, também?

[...] Neste primeiro mês, vou dedicar minha pesquisa para revisitar referências artísticas e bibliográficas e, com isso, desenvolver o tema que vai estampar os postais. Nesse processo estou escrevendo tudo o que capta minha atenção, que me atravessa. Escrevia como se fossem cartas para ninguém, talvez para mim, mas fiquei no anseio de contar para alguém, de fazer valer minha proposta de criar conexões com o outro desde a criação dos postais até o desenvolvimento do meu texto. Sendo assim, escolhi você para ser minha correspondente — você é e sempre foi essa pessoa, tu ouviste todas as minhas obsessões por cartas, me presenteou com livros no tema e, mais importante, foi de você que recebi meu primeiro postal da vida, diretamente de Portugal.

Logo, foi uma escolha certa e significativa fazer de você minha destinatária.

---

<sup>3</sup> As cartas aqui presentes, fazem parte de um recorte do trabalho *Quando chegar lá, me envie um cartão postal*, entregue no ano de 2024. Foi um relato da experiência escrito em cartas, acerca do processo de desenvolvimento de 80 cartões postais com apoio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC).

Como disse, começo o projeto definindo o tema que os cartões terão. Em minha proposta, quero que a temática seja construída a partir de minhas narrativas autobiográficas, mais precisamente de momentos e vivências marcantes desse ano, o qual está sendo intenso. Tenho achado as relações humanas ambivalente, ambíguas, e acho que isso faz delas impermanentes, mutáveis. Como você sabe, depois de ouvir minhas lamúrias, esse ano passei por processos muito íntimos de encontros e desencontros com pessoas da minha vida e senti profundamente as mudanças de dinâmicas relacionais. Derivado dessas questões, fica rodando na minha mente, com muita frequência, a forma como o encontro com o outro proporciona encontros comigo e como isso revela coisas muito particulares que se desdobram em movimentos inesperados. Acho que não sabemos em totalidade quem somos, como agimos e as percepções externas sobre nós.

O que os outros revelam sobre nós e o como essa revelação nos afeta?

[...] Dessa forma, queria me debruçar sobre isso na hora de construir a narrativa presente nos postais, até porque acredito que questões relacionais, mudanças na vida, presenças e ausências, são coisas que atravessam todas as pessoas, o tempo todo. Gosto de trabalhar com temas que criam conexões, gosto de compartilhar o que sinto, pensando na possibilidade de atravessar as pessoas para que sintamos coletivamente.

De todo modo, é sobre isso e desta forma, a qual te apresento, que quero falar sobre meu processo. Talvez o tema se delimita melhor tanto durante minhas leituras e coleta de referências artísticas quanto na construção dos esboços das matrizes, as quais farei ainda esse mês.

Aqui termino! Com carinho,  
Izabel Karime.

**Recife, 09 de outubro de 2023**

Querida Mari,

Comecei a coletar minhas referências artísticas. Começando por Daniel Santiago. Você o conhece? É um artista daqui de Pernambuco, caruaruense, pra ser mais exata. Pesquisando sobre ele (e que tarefa difícil encontrar informações sobre esse querido, viu?) descobri que também é educador e trabalha com diferentes técnicas, como happening, lambe-lambe, gravuras e fotografia.

Lendo [...], cheguei num catálogo de uma exposição individual chamada *Daniel Santiago em 2 Tempos*, ocorrida em 2017 no MAMAM - sim, o fatídico museu que tentamos muito visitar quando você estava aqui, o qual a chuva do inverno recifense não permitiu. Nos textos do catálogo, a curadora Joana D'Arc escreve:

Daniel é um artista incrível, que não para de criar. Em toda sua trajetória ele soube transitar por diversos suportes [...]. Ele se adaptou muito bem aos novos meios e sabe explorá-los muito bem. Tem artistas que, ao longo do tempo, ficam presos no seu modo de criar ou ficam focados em atender a um certo mercado, mas Daniel está totalmente fora disso. Se há algo central na sua obra, é essa necessidade do outro, de ter essa interlocução.

[...] um artista/educador, que caminha na contramão de uma lógica neoliberal do individualismo e do mercado (D'Arc, 2017, s/p).

Gosto da forma que Daniel integra as pessoas em sua arte. Me identifiquei com ele imediatamente. Integração é parte importante deste projeto que apresento aqui e, não sei se cheguei a comentar, mas ele se dá em dois eixos que conversam com essa característica do trabalho dele.

Um: pensar no coletivo, convidar o outro para o processo. Essa é a premissa da arte postal, até. Não existe remetente sem destinatário.

Dois: desde que entrei na graduação tenho pensado no ato de me denominar e ser denominada como artista. O que faz de mim artista? Em que espaços preciso estar para ser uma? O que tenho que criar? Como tenho que criar? Em que fluxo? Como o processo criativo de desenvolver um objeto artístico acontece num mundo de tanta correria em que, por exemplo, a comida e as roupas passaram a ser chamadas de fast-food e fast-fashion? O

que seria fast-art? Nisso, depois de passar pelas disciplinas de Gravura A e Gravura B e, com elas, ser confrontada por uma técnica completamente desconhecida por mim, que exige paciência e um pensar/criar mais lento, passei a abraçar a ideia de não me render para o acelerar, a não ser que o que, e apenas assim, estiver dentro de mim, pedir urgência.

Com isso, desenvolvi esses dois eixos: caminhar rodeada de outras pessoas e na contramão de um tempo que comprime a arte num passo mercadológico.

Bom, voltando para minhas referências. Ao longo da pesquisa que fiz sobre ele, fui desviando caminhos, até me deparar com um minidocumentário sobre arte postal, produzido pela TV Brasil<sup>4</sup>. Nele, Daniel, assim como outros artistas brasileiros, falam sobre suas percepções da arte postal e de seus trabalhos. Minha cabeça explodiu. Que aparato incrível de informações! Uma riqueza. Entrei em contato com trabalhos diversos que desestruturaram um pouco, diga-se de passagem, minhas ideias para meu cartão postal. São tão inventivos e dinâmicos que dá vontade de abrir meu cérebro e esticá-lo ao máximo pra ver o que ele é capaz de criar.

Dentre as coisas que foram ditas nele, o que mais me cativou foram afirmações sobre arte postal enquanto criadora de redes (Poester, 2016), como formadora de ação coletiva e de experimentalismos (Michelin, 2016), [...]. É isso que me encanta e é isso que eu quero aqui! Sei que nessas duas cartas que escrevi já deixei mais que óbvio, mas é que pensar nisso me enche de coisas boas e ver outras pessoas pensando e criando igual, me dá esperança.

Acho que é isso, chuchu, fique bem, espero não estar te enchendo o saco.

Com amor, de sua amiga mais que empolgada,  
Izabel Karime.

---

<sup>4</sup> Programa Brasil Visual: Arte postal, comunicação e generosidade.

**Recife, 18 de outubro de 2023**

Querida Mari,

Ontem assisti Central do Brasil. O Cinema da Fundação, uma rede de cinemas aqui de Recife, recebeu o acervo da Cinemateca Brasileira e estará, ao longo das próximas três semanas exibindo clássicos do cinema nacional – inclusive, fiquei lembrando de quando estive em São Paulo e você, Ayu e Bretas me levaram na Cinemateca para assistir Nosferatu.

Assim, fui ver esse aclamado por muitos e honrar o Oscar sentimental de Fernanda Montenegro. Eu nunca tinha assistido, fiquei emocionadíssima com a história, a atuação e as cores do filme. Você já viu? Espero que sim!

Se já assististe ou não, teuento uma coisa: a personagem de Fernanda, Dora, é uma “escrevedora” - como diz Josué, o outro protagonista - de cartas. Imagine minha surpresa quando o filme iniciou com Dora numa estação de trem no Rio de Janeiro escrevendo cartas para pessoas analfabetas. Fiquei em choque com a sincronicidade.

A história se desdobra em cima de uma carta, a qual Josué quer enviar para seu pai. Assim, Dora e Josué embarcam em uma missão [...] juntos até o lugar de origem da carta. Em um momento emblemático da viagem deles, quando o dinheiro já acabou, Josué tem a ideia de promover o trabalho de Dora enquanto escritora de cartas. Nessa cena, a sensibilidade e a forma como os sentimentos das pessoas são absorvidos por Dora, ao escrever, é de tamanha intensidade que foi impossível não pensar sobre o processo de enviar nossas palavras para alguém e da espera das palavras de outro, e mais, do poder que é ser o intermediador delas.

Com isso, me pus a pensar sobre ser intermédio dos postais que criarei.

Veja, como produto final, pegarei as 80 cópias e colocarei elas no mundo, 40 eu mesma enviarei, 40 estarão disponíveis em alguns centros acadêmicos da UFPE. Mas duas questões surgiram; a primeira foi: em uma conversa com minha mãe ela deu a ideia de mapear os postais, os caminhos feitos por eles, pra onde foram enviados, quem os pegou.

Mas isso seria impossível se eu os deixasse nos centros sem uma forma de acompanhamento; a segunda: o anseio de cultivar e compreender como construir uma rede de conexões a partir do envio de postais.

A experiência de Dora no filme, de escrever e mandar as cartas, me abriu uma possibilidade não pensada antes: e se eu for uma *escrevedora* de postais? e se, ao invés de colocar apenas os postais nos centros acadêmicos eu estiver lá com eles, conversando com quem demonstrar interesse em participar do projeto, escrevendo com eles a mensagem e fazendo o trabalho de enviar? Assim, conseguiria conhecer as pessoas, podendo fazer uma análise quantitativa e um mapeamento, bem como me conectar com quem tem interesse em enviar cartas como eu. No fim, teria que fazer uma breve alteração no produto final do meu projeto, espero que seja possível, falarei em breve com meus orientadores.

Bom, é isso, queria compartilhar a forma que esse filme me afetou a ponto alterar minhas ideias finais para o projeto.

Sua,

Izabel Karime.

*Recife, 19 de fevereiro de 2024*

Querida Mari,

Enfim os cartões tomam vida. Acabei decidindo por imprimir as matrizes protótipo que fiz em isopor, transformando-as nas versões finais dos postais, já que o PVC parece não ter previsão de chegada. O isopor é matéria fina, não resiste muito e num único dia de impressão as matrizes foram, aos poucos, danificando. Por sua delicadeza, o manuseio é difícil e o resultado foi surpreendente, mas se desdobrou em algo perto do que eu imaginava (Figura 4).

Como disse na última carta, minhas artes se revelam apenas quando coloco minhas mãos nelas fazendo-as existir independente da expectativa do resultado, como venho exercitando desde outubro. O processo tem me instigado tanto quanto a ideia e ensinado tanto quanto o resultado. Com isso, queria entrar em um assunto que comeu meus neurônios no final de janeiro/início deste mês, ao me debruçar, mais uma vez, sobre os feitos do Grupo Fluxus e sua ode ao processo e à experimentação.

Li com cuidado seu manifesto (Figura 5), investiguei alguns artigos sobre eles, os quais narravam seus processos e atividades artísticas — o anseio de expandir suas criações (prontas e em desenvolvimento) para além de museus e galerias, ao encontro das pessoas e das ruas. No que diz respeito ao manifesto, Maciunas defende a criação da arte em processos tanto individuais quanto coletivos, em trabalhos artísticos de diferentes linguagens, tendo sempre como base uma arte afirmada anti-sistêmica (Maciunas, 1963). Achei curiosíssimo que no que tocam as noções de arte postal e suas características conceituais eles afirmavam que ela só se tornava verdadeiramente arte quando enviada (li isso em um artigo de 2021, de uma moça chamada Louisa Mahoney) traduzirei para você as palavras dela:

[...] Arte postal também foi desenvolvida pelo Grupo Fluxus na década 1960. O movimento artístico centralizava-se em trabalhos de pequena escala; os cartões postais eram compostos de poemas e desenhos e enviados pelo correio [...]. A correspondência era considerada arte apenas quando enviada (Mahoney, 2021, s/p).

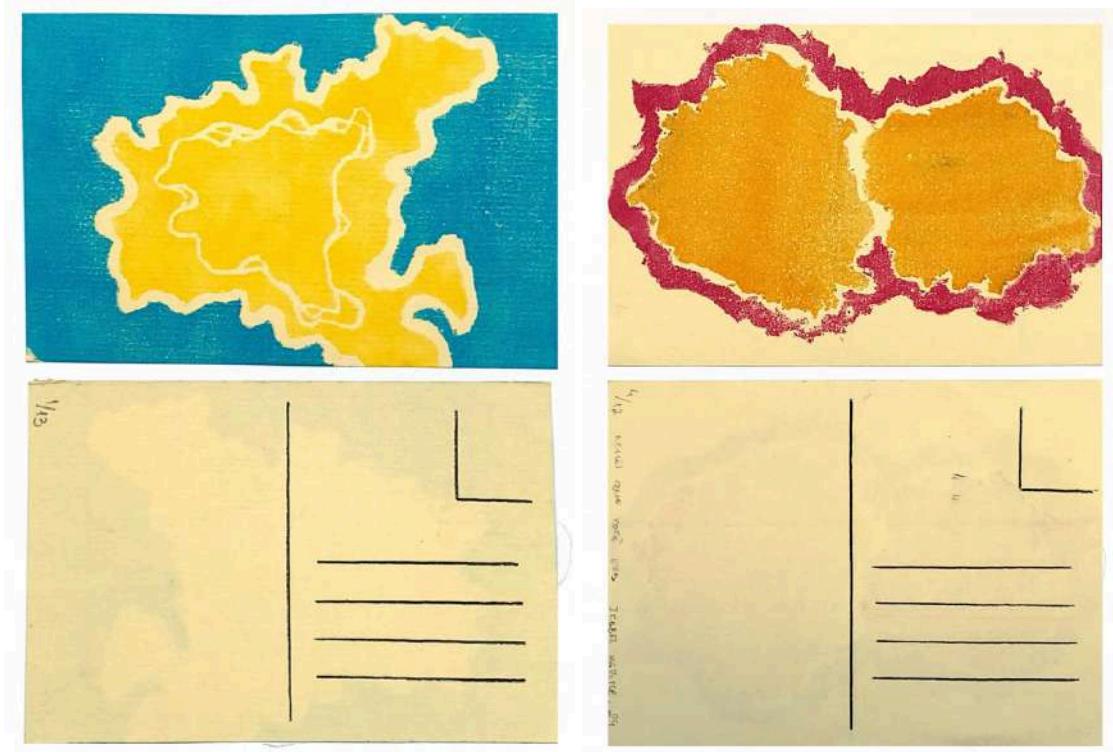
Trago isso à tona pela seguinte razão: com os postais em vida, tenho me sentido cada vez mais apegada às suas formas, imagens e cores, fico pensando que eles são meus, *eu fiz, então são meus para ficarem comigo*. Na tentativa de curadoria em que separo quais vou enviar e quais farão parte da performance, não consigo deixar de pensar que eles não estarão mais em minhas mãos, uma vez que essas duas ações forem executadas. Então escolho os que não me tocaram tanto (sendo que todos me tocaram).

Me pergunto: os postais são meus, sua criadora? Os postais são de quem os escolheu para enviar? Serão de quem os recebeu? Me questiono, me questiono muito. Quando escolhestes os postais que me mandaste, pensou em ficar com eles? Sentiu que eles eram teus antes de se tornarem meus? Seriam eles, nossos? Lembro que nesse final de ano, quando nos encontramos em Belém, tu disseste que enviou um postal que era uma foto tirada por ti, como foi isso? Enviar uma foto sua faz dela tua e minha?

[...] Encerro essa carta com essas questões, acho que tem pano suficiente pra tu pensar.

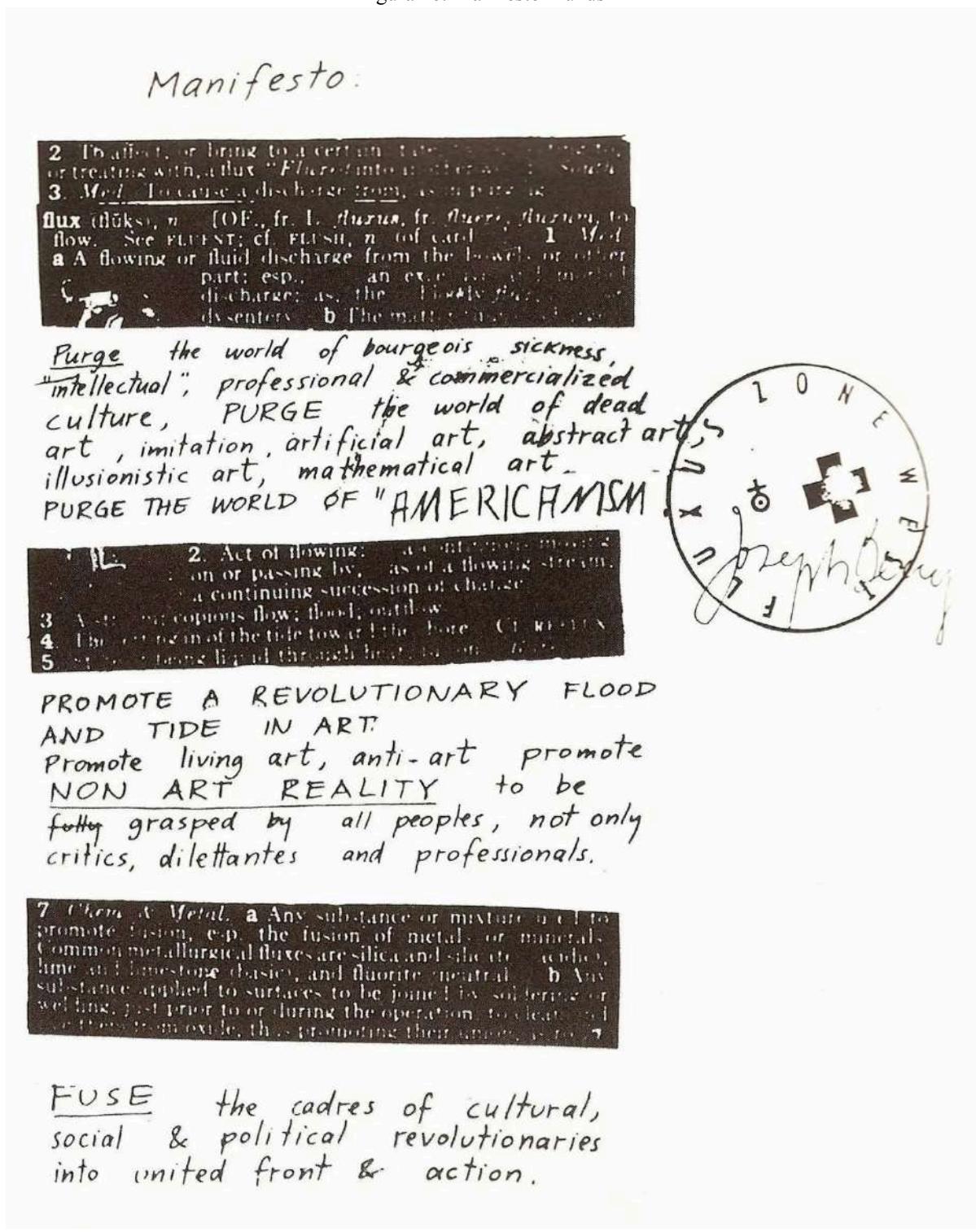
Com carinho,  
Izabel.

Figura 25 - Cartões Postais, produção da autora. Recife, 2024.



Fonte: Arquivo da pesquisa, Recife, 2024.

Figura 26. Manifesto Fluxus



Fonte: Arte e Multimédia. Disponível em:  
<https://digartdigmedia.wordpress.com/2017/11/20/fluxus-o-movimento-mais-radical-e-experimental-dos-anos-60/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

*Recife, 11 de março de 2024*

Mariana,

O final se aproxima.

De verdade.

Hoje faz quatro dias que a tão planejada performance aconteceu. Passei por eles muito reflexiva e ainda não sei bem como articular tudo o que foi falado por mim e pelos participantes, assim como também não processei tudo o que foi sentido. Não vi as fotografias e vídeos que foram feitos por Nina e Romero, não reli os postais, coloquei todos eles dentro de um envelope e guardei. Quando levantei da mesa que organizei para a performance, reuni dentro da mochila tudo o que tinha levado e fui para o laboratório de fotografia encontrar Romero para avisar que tinha acabado, conversar sobre a experiência. Não consegui falar nada. Acho mesmo é que eu queria me esconder. Algumas pessoas me paravam, queriam saber como tinha sido, acho que minha cara falava mais do que minha voz. Depois das quatro horas de performance a única coisa que senti foi cansaço, sendo honesta, sinto ele até agora.

Não sei exatamente o que penso, nem o que sinto, nem o que quero dizer. Foi um momento muito intenso. Sabia que ia ser, só não achei que seria avassalador dessa maneira. A qual mal consigo explicar.

Escrevo essa carta na tentativa de racionalizar, de verbalizar, de colocar pra fora tudo isso que tem aqui dentro. Me sinto frustrada por me sentir assim, com um tipo de angústia tristonha, foi um momento tão lindo e poderoso. Além de ser o marco desse projeto. Como posso me sentir assim?

Espero ser capaz de entender isso em breve.

Com saudades,

Izabel Karime.

P.S.: queria um abraço teu agora;

P.S. 2: adoraria que tu tivesses sentado lá comigo e enviado um postal para alguém.

*Recife, 28 de março de 2024*

Mari, minha correspondente,

Essa é a última carta que te escrevo, acreditas? Eu não. Acho que demorei muito pra articular ela, provavelmente por não estar totalmente pronta pro fim [...].

Imagino que após a carta passada tu estejas te perguntando *e a performance?*, bom, eu sabia que de um jeito ou de outro eu precisaria revisitá-la para concluir esse texto. Acho que finalmente cheguei em bons termos com tudo o que tinha dentro de mim. O que ocorreu principalmente a partir do contato que tive com o registro em vídeo dela. Há dois dias recebi de Nina o vídeo da performance com a edição finalizada (a contratei para registrar em foto e em vídeo as quatro horas em que estive performando).

Ao assistir, na terceira pessoa, um momento que vivi na primeira, me senti meio desconcertada, minhas reações faciais, minha postura interagindo com quem estava comigo, é estranho me ver numa terceira via, mas aos poucos as memórias daquelas horas pareciam como água em ebulação dentro de mim. Passei a ver meu rosto atento às pessoas que conversavam comigo, com carinho. Olhei então, no lugar de espectadora do vídeo, para todas elas e me senti grata. Cada uma me contou uma história, compartilhou comigo nomes de seres amados, disse o endereço dessas pessoas. Confiamaram a mim a responsabilidade da lembrança de suas saudades. Precioso, né? Mas também denso de se levar, a memória dos outros pede cuidado.

Acho que foi nessa percepção que estagnei, pensei em tudo, como disse em outra carta, mas não pensei nisso. Me fixei nos afetos sem pensar que quando envio cartas aos que amo a felicidade da memória está sempre misturada na melancolia da saudade. Do início ao fim da performance, chorei as minhas lágrimas e as das outras pessoas. Nada mais nada menos que uma experiência curiosa.

Deixo aqui uma memória imagética e te digo tchau, por enquanto, espero.

Com carinho,  
Izabel.

Figura 27 - Performance *Quando chegar lá, me envie um cartão postal* realizada no CAC (UFPE)



Fonte: Registro por Nina Xará. Recife, 2024.

## 4 CAPÍTULO II

Recife, 06 de junho de 2025

Romerito,

Depois desse mergulho pelos arquivos da BICC, adentraremos a segunda etapa da minha pesquisa. A partir daqui, começo a articular esses arquivos com algumas reflexões e referências que acredito serem capazes de sustentar a análise que me propus a fazer acerca da construção de redes de conexão criadas através dos meus postais.

Para isso, acho interessante começar pelo começo: uma breve revisitação à performance. Enquanto eu relia os arquivos e também quando falava do meu TCC para pessoas curiosas, percebi que não tive tempo e espaço para olhar com cuidado e articular um pensamento lógico sobre essa ação, já que ela foi feita no final da pesquisa da BICC, somada ao fato de ter sido uma experiência muito ímpar e delicada que exigiu de mim um tempo longo para metabolizar suas nuances e efeitos no meu corpo, na minha mente e na própria compreensão de seu impacto numa pesquisa acadêmica.

Sendo assim, acho importante primeiro contextualizá-la, para que eu me lembre dos detalhes e por imaginar que outras pessoas que não conhecem meu projeto lerão essa pesquisa e precisarão de uma explicação.

Vamos aos detalhes: como sabemos a performance durou quatro horas e aconteceu no hall do CAC (preciso dizer como foi um choque lembrar que passei quatro horas performando, hoje já não sei se faria o mesmo); me posicionei estrategicamente próximo da porta de entrada pra que o maior número de pessoas passasse por mim. Decidi encarnar totalmente a personagem Dora de Central do Brasil. Montei uma mesinha com duas cadeiras frente a frente, uma para mim e uma para quem quisesse participar; sobre a mesa, uma toalha bem colorida que chamasse atenção, uma cestinha com todos os postais disponíveis e um caderno, para que as pessoas deixassem seus endereços comigo e eu pudesse, quem sabe um dia, enviar cartões a elas. Também fiz um cartaz amarelo com letras vermelhas escrito “**ENVIO CARTÕES POSTAIS**”. Nos arquivos que separei da BICC tem algumas fotografias desses detalhes.

No que diz respeito a minha experiência particular, guiarei meus pensamentos a partir das perguntas que fiz para os relatos de experiência (os quais, assim como as fotografias, fazem parte do anexo). Antes tinha feito as perguntas com o único objetivo de orientar a linha de raciocínio das pessoas a quem questionei, mas percebi que elas poderiam me ajudar também. Foram essas:

QUAIS SUAS RECORDAÇÕES DE EXPERIÊNCIA  
DE PARTICIPAR DA PERFORMANCE?

LEMBRA QUais SENTIMENTOS PASSARAM  
POR VOCÊ? QUais SENTIMENTOS SURGEM?  
AGORA, AO VOLTAr PARA AGUETE  
MOMENTO?

VOCE ACHA QUE COM O CARTÃO/ARTE  
PODEM É POSSÍVEL CRIAR CONE-  
XÕES E REDES DE AFETO?  
SE SIM OU SE NÃO, POR QUAL MOTIVO?

Eu tenho recordações confusas daquele dia, lembro perfeitamente da primeira pessoa que se sentou pra participar. Lembro da sensação de vê-lo sentar na minha frente e do nervosismo para comunicar o que eu deveria/queria na mediação daquela troca. Mas não lembro quem foi a última pessoa. Talvez tenha sido Will, mas eu não poderia ter certeza.

Engraçado trazer isso pra consciência. No início da performance eu tava muito inteira e ativa e atenta, ao passo que no final, eu tinha acumulado tantos sentimentos, acessado a singularidade de tantas pessoas que acredito ter encaminhado minhas energias para algum lugar desconhecido não tão perto da memória. Tenho para mim que esse é o ponto sensível de tudo o que a performance me proporcionou: a imprevisibilidade do sentir evocado por cada história. Carrego a lembrança latente da confusão mental que me acometeu quando ela chegou ao fim, a dificuldade de articular minhas palavras direito, a dor na mão que eu sentia de tanto escrever e como pedi pra que as últimas pessoas escrevessem suas próprias mensagens.

Mesmo assim, tenho cada rosto que se colocou na minha frente, e as histórias afetivas refletidas neles, vívidos no cérebro.

Foi uma mistura bem maluca de amor, de saudade, de nostalgia, de felicidade, de tristeza, essas coisas todas meio emboladas num fio que puxava um nó depois do outro, fazendo ser difícil distinguir um sentimento por inteiro. E as palavras faladas/escritas, umas coisas tão lindas que eu jamais imaginaria escrever. Entrar em contato com as pessoas me colocou numa trama de sentimentos a qual hoje já se diluiu, mas recordo.

O que surge agora é tranquilidade e realização, me sinto muito certa da escolha que fiz ao mudar a proposta final da BICC e não deixar os cartões espalhados por aí e ser a pessoa responsável por compartilhá-los. Toda vez que encontro alguém que participou da ação, ou quando conto da minha pesquisa, percebo evocar em quem me escuta um olhar muito específico de vontade. Por que acho que é isso, Romero, existe na gente sempre uma vontade de entregar algo a alguém (pode ser algo meio material como uma palavra escrita, uma imagem, um objeto ou algo mais abstrato como uma sensação ou um sentimento) e o postal é meio que uma fusão dessas coisas, né? O abstrato da memória e da emoção se materializam na palavra escrita em um objeto. Gosto muito quando Ronny Hein, responsável pela apresentação do livro *Queria Ter Ficado Mais*, escreve:

Em tempos de Whatsapp, Skype e Instagram a comunicação ficou muito mais rápida, barata e precisa. Perdeu, porém, o encanto do toque pessoal, do estilo e da fluência. Também foi perdido o precioso hábito de abrir um envelope, sabendo, de antemão, que ali há uma voz querida cheia de vivências para contar (Hein, 2015, s/p).

Acho que os cartões postais que selecionei — assim como os outros que não entraram aqui — encapsulam essa sensação que Ronny descreve. E, refletindo aqui enquanto escrevo, ainda que eu preze, como disse em outras cartas, pela palavra e pela comunicação, para além delas, creio que a materialidade do postal e da carta transformam a experiência.

Senti um pouco isso, inclusive, ao ler e reler as cartas fazendo a curadoria das que entrariam pro recorte analisado, mesmo não sendo as cartas impressas ainda, (as quais estou ansiosa por demais pra sentir), retornar ao texto me proporcionou a escuta dessa voz querida, num processo espiralar (por eu estar lendo minhas próprias palavras). Me pego fantasiando,

com elas, a construção de vínculos com a destinatária (por enquanto, Mari não teve oportunidade de ler) e consequentemente um vínculo com leitores futuros.

Acho que é isso o que tenho a dizer sobre a performance. Foi bom poder escrever sobre ela, transformar essa memória em uma coisa coesa e palpável através da palavra. Tô bastante ansiosa pra receber os relatos de experiências, saber o que os participantes acham e se existe alguma similaridade entre nossos pensamentos (detalhe, ainda nem enviei as perguntas).

Inclusive, tenho sentido vontade de refazer ela. Cogitando fazê-la de novo depois de entregar o TCC à banca dia 28 do mês que vem, imaginando que estarei mais folgada.

Acho que seria um encerramento de ciclo bonito. O que tu achas, Romero?

Fico por aqui,  
Com carinho, Izabel.

**Recife, 13 de junho de 2025**

Romero!

Como já sabes, depois de nossos últimos encontros e conversas, em que amarramos as ideias para a estrutura física desse trabalho, me dediquei a organizar um cronograma de construção e ter um panorama do tempo necessário para escrever tudo o que quero, desenvolver o livro de artista e entrar em contato com as pessoas pedindo seus relatos de experiência. Em paralelo a essa parte burocrática e organizacional, segui lendo o que me propus estudar, a começar por Bruscky. Li e reli o capítulo, *A ARTE CORREIO E A GRANDE REDE, hoje a arte é este comunicado*, do livro *Arte e Multimeios*, publicado por ele em 2014.

Amo o título por si só. Com a frase “arte correio e a grande rede”, já dá pra tirar um tanto de coisa, mas penso logo na arte postal ocupando seu posto enquanto ferramenta de comunicação e criadora de conexões. Porém, o texto de Bruscky também me evoca reflexões de diferentes contextos, ao citar, por exemplo, o formato do objeto da arte correio em relação ao meio de circulação, as suas origens e características artísticas e sociais e o processo de assimilação dessa linguagem entre as décadas de 1960 e 1970, quando estava sendo legitimada no campo das artes. Acho importante, inclusive, delimitar algumas coisas para aqueles que lerem essa carta e não têm familiaridade com o tema, como o que determina a diferença entre objetos artísticos enquanto arte postal ou não, além de fazer uma breve contextualização histórica.

Deixemos, primeiramente, o nome arte postal de lado, nesta carta. Utilizarei a nomenclatura arte correio por ser a que Bruscky usa e por compreender que ela engloba diferentes métodos, formatos e motivos. No tocante da minha pesquisa, o cartão postal, que está entre uma das possíveis formas de arte correio, foi a ferramenta que *eu* encontrei pra criar a imagem e a mensagem que quero. Acho que isso acontece muito motivado pela minha relação prévia com a carta e pela necessidade de palavra. Para mim, o cartão postal destina um espaço para o texto tanto quanto para a imagem, e eles não brigam, às vezes mal se relacionam em conteúdo, são dois universos distintos que coexistem. Por esse motivo, falo majoritariamente sobre o cartão postal e uso o termo *arte postal* como equivalente ao termo *arte correio*.

No que diz respeito ao que determina uma peça artística enquanto arte correio, para Horácio Zabala e Edgardo Antonio Vigo em seu artigo *Arte Correio: uma Nova Forma de Expressão* (1976), citados no texto de Bruscky, a arte correio é justamente criada a partir da intenção de envio e circulação.

[...] o fato de que a obra deve percorrer determinada distância faz parte de sua estrutura, é a própria obra. A obra foi criada para ser enviada pelo correio, e esse fato condiciona a sua criação (dimensões, franquias, peso, natureza da mensagem, etc.). (Vigo e Zabala, 1976, p. 12).

Além disso, a arte correio tem seu desenvolvimento localizado comumente ali na década de 1960, criando suas primeiras raízes nas atividades promovidas pelo Grupo Fluxus<sup>5</sup>. Mas, para Bruscky, é difícil definir um começo real pois houveram criações artísticas anteriores que exploravam o correio como meio/espaço de arte. A distinção e o marco previsto na década de 1960 se dá por esses trabalhos anteriores não incluírem em sua natureza a criação de redes a partir do objeto.

E apesar dos trabalhos de Duchamp (Cita do Domingo, de 6 de fevereiro de 1916, e Podebal Duchamp, de 1º de junho de 1921), das experiências dos futuristas e dadaístas, da poesia concreta, do poema/processo, dos cartemas de Aloísio Magalhães (1972), dos cartões-postais dos radioamadores (QSL), do telegrama de Rauschemberg, dos postais e selos de Folon, das cartas desenhadas de Van Gogh para seu irmão Theo, dos poemas postais e cartas sonoras de Vicente do Rego Monteiro (produzidas no período de 1956 a 1962), de Apolinnaire com seus cartões-postais com caligramas e de Mallarmé (que escreveu em envelopes os endereços dos destinatários em quadras poéticas que contavam com a boa vontade dos empregados dos Correios para decifrar seus enigmas poéticos), do selo azul de Yves Klein (em 1957, Klein anuncia, em Paris, o início de A Época Axul e põe o seu selo azul nos convites da exposição), a Mail Art surgiu, como conceito de rede, na década de 1960, através do Grupo Fluxus, e só veio a tomar impulso, como uma grande rede, antecedendo a internet (uma vez que, ao incorporar o fax, a rede funcionava em tempo real) a partir de 1970. As experiências anteriores citadas não são consideradas como arte correio, por não trabalharem em rede (Bruscky, 2014, p. 13).

E, entendendo a intenção do trabalho em rede, da arte correio, a outra costura que faço entre meu texto e o de Bruscky é o museu cedendo lugar ao correio, aos arquivos e às caixas de envio (Bruscky, 2014) e como esse novo espaço expositivo descentralizado abre caminho para que não apenas mais pessoas apreciem arte, mas também que o objeto de arte seja criado e recriado coletivamente.

<sup>5</sup> O Grupo Fluxus foi um coletivo artístico ativo principalmente entre os anos de 1960 e 1970. Oficialmente fundado na Alemanhã por George Maciunas (1931–1978) e se caracteriza pela sua multiculturalidade, representado por artistas como Ben Vautier (1935–2024) da Itália, a estadunidense Yoko Ono (1933), os britânicos Dick Higgins (1938–1998) e Robert Watts (1938–2024), o alemão Joseph Beuys (1921–1986), os japoneses Shigeko Kubota (1937–2015) e Takako Saito (1929), e o coreano Nam June Paik (1932–2006). Com tamanha coletividade, foi marcado também pela pluralidade de linguagens artísticas experimentadas, como a performance, a música, a literatura e as artes visuais.

Na minha pesquisa, por exemplo, em um rápido mapeamento consigo definir alguns caminhos que os postais seguiram, tendo sido enviados em território nacional, bem como internacionalmente. A grande maioria dos envios aconteceu dentro do estado de Pernambuco. Houveram também outros estados no nordeste como Maranhão e Alagoas; no norte, envios para cidade de Belém; e estados no eixo sudeste-sul: São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O cartão postal de destino internacional foi para Portugal. Além da diversidade de lugares, me cativou perceber que os destinatários eram igualmente diversos: familiares, amigos, amantes; contemplando pessoas nas idades a partir de um ano até a casa dos 80.

Apreendendo essa multiplicidade de remetentes e destinatários, lendo Bruscky e lembrando até do programa documental da TV Brasil, que assisti durante a pesquisa da BICC *Brasil Visual: Arte postal, comunicação e generosidade*, em que os artistas presentes citam as constantes intervenções artísticas que faziam nos trabalhos uns dos outros, pensei que na pesquisa os meus postais não só descentralizam a circulação mas abrem espaço para a criação coletiva a partir da interferência do outro que implementa suas palavras no corpos de papel do postal. Rememoro, por sinal, como em uma carta para Mariana, idago de quem que é o postal no fim? Se eu que fiz, mas a mensagem é sua e o postal chegará na casa de uma terceira pessoa, a quem ele pertence, quem o criou?

Nós o criamos, né? Ele deve ser de todos nós.

Hoje minha carta traz esses ~~comunicados~~ questionamentos.

Até breve, Romero!

Izabel.

**25 de junho de 2025**

Querido Romero,

Comecei a enviar as perguntas para que as pessoas me contem como foi participar da performance. Estou mandando aos pouquinhos porque fico nervosa com as respostas. Só que ontem recebi o primeiro, de Gio<sup>6</sup>, e achei engraçado porque Gio foi a primeira pessoa a participar da performance e a primeira a enviar o relato de experiência. Eu, que gosto de perceber sincronismos em tudo, achei bastante simbólico.

Em algum momento quero escrever só sobre minha análise geral de todos os relatos que receberei, visando uma melhor organização desses dados e informações, mas gostaria de pontuar que já nesse primeiro percebo ideias semelhantes às apresentadas por mim. Por exemplo, Gio fala dos limites físicos dos postais, da viagem que farão e com isso, a influência sobre a palavra escolhida.

Foi muito mais intimista pensar em um pequeno texto que viajaria alguns quilômetros para chegar ao destinatário, tão diferente da rapidez que as mensagens virtuais — tão cotidianas — oferecem. A arte postal cria redes de afeto antes mesmo de ser enviada a alguém, o processo que a antecede já cria conexão (mesmo que não física ainda). (Oliveira, 2025, s/p).

Com esse trecho, me pus a pensar sobre o que Paulo Bruscky e Ronny Hein falam a respeito da materialidade da carta/postal. A articulação de Gio me lembrou Zabala e Vigo discorrendo sobre a estrutura do postal e o processo que antecede sua criação (ainda que o ponto levantado em seu relato de experiência seja sobre a escrita de uma mensagem e não do desenvolvimento de um postal em si). Mas gosto como Gio pontua o processo de pensar a mensagem a partir da prospecção do envio e até mesmo da idealização de a pessoa querida receber aquilo. É basicamente o que acontece enquanto escrevo isso aqui, por exemplo, prospecto a imagem de alguém lendo essa carta e penso “*o que eu gostaria de dizer a essa pessoa? Que voz minha quero fazer caber nesse espaço?*”

Um dia desses organizei meu acervo de postais e é sempre uma euforia revisitar minha coleção, ler as mensagens, lembrar de quem me enviou ou onde comprei cada um deles. É nessas que começo a imaginar as pessoas que me presentearam com postais vivendo suas

---

<sup>6</sup> Relato de Giovanna Oliveira é o primeiro relato presente no Arquivo C

experiências particulares e, ao se depararem com o postal, lembrarem de mim. Imagino isso mesmo que esse postal não seja comprado, enviado, que nunca chegue por qualquer que seja o motivo. Claro que o meu objetivo é pensar a relação remetente-destinatário e a criação de laços concretos, mas existe a lembrança que antecede o resultado e ela faz parte disso mesmo quando é desconhecida e inconcreta.

Acho, inclusive, que a presente pesquisa cabe nesta reflexão, levando em consideração que as cartas da BICC nunca foram formalmente lidas por ninguém, senão pela equipe de orientadores da extensão. Agora que ela está aqui neste documento, um ano depois de seu encerramento, é que ela cairá na rede e realmente circulará. Creio que isso não anula o fato de que a intenção e o exercício de desenvolvimento dela sejam um processo de criação de rede, ainda mais sendo uma pesquisa antecedida por outras, com referências diversas — assim como toda pesquisa acadêmica é — que criam uma rede de conceitos que se conectam e reformulam.

Talvez seja isso, então: a rede da ferramenta postal se cria antes, através de uma associação de ideias, memórias, lembranças, sentimentos e intenções e se consolida quando o postal é enviado.

Agora, uma coisa curiosa que utilizarei de última hora! Pensei se citaria isso ou não, por ser um corte abrupto e sem uma base de conhecimento tão sólida, mas acho que conversa muito com essa reflexão que estou fazendo: bem enquanto escrevia essa carta, uma amiga compartilhou o trabalho de um colega de classe feito para uma das disciplinas de mestrado em Design da UFPE. Era o trabalho final compreendido na construção de um “artefato” que misturasse forma e texto de modo a guardar as experiências e estudos referentes à disciplina. Um dos artefatos possíveis de criar dentre opções como pastas de arquivo, cadernos de artista, diários, mapas mentais, zines, etc. estava a carta, modelo de escrita o qual ele escolheu.

Numa breve apresentação de seu trabalho ele tocou no conceito de *correspondência*, apresentado por Tim Ingold (1948) um antropólogo britânico que tem como uma de suas pesquisas a carta e o ato de escrevê-la. O conceito de correspondência diz respeito — numa rápida interpretação que fiz desse trabalho com artefatos e de uma leitura que decidi fazer do livro dele *Correspondences* (2021) — a um certo tipo de troca comunicacional feita de modo consciente e presente entre duas ou mais partes. Ingold reflete como a forma presentificada de

se relacionar com o outro tem se diluído, muito em detrimento das novas formas de rápido contato pela internet e que pode ser experienciada/retomada na escrita de uma carta.

Imagine só como fiquei em choque.

Decidi fazer esse corte referencial pois Ingold indaga algo semelhante ao questionamento que fiz a partir da mensagem de Gio sobre que voz quero usar para me comunicar ao escrever aqui, abaixo apresento um trecho em tradução livre:

Ao colocarmos a caneta no papel, nossos pensamentos voavam para o destinatário pretendido, como se estivéssemos conversando com ele. Costumávamos escrever como falávamos, com sentimento e preocupação, não para divulgar uma tese, mas para manter uma linha de pensamento que responde, em seus estados de espírito e motivações, ao que supomos estar se passando na mente do destinatário.

[...] Mas, ao escrever cartas, não são apenas as palavras que selecionamos que importam; é também como as escrevemos. Palavras escritas à mão [...]. Você me conhece, e como me sinto, pela maneira como escrevo, assim como você me conhece pela minha voz. O jeito de cada um é diferente (Ingold, 2021, p. 2-3).

Já li algumas das primeiras cartas presentes no livro e estou encantada com a linha de raciocínio dele. Me sinto meio frustrada que o conheci tão próximo da conclusão dessa pesquisa e talvez não consiga lê-lo inteiro. Provavelmente eu teria muito a dizer e conversar sobre ele.

Hoje, fico por aqui!

Com carinho,

Izabel.

**17 de julho de 2025**

Caro Romero!

Finalmente começamos a imprimir as versões finais das coisas do TCC!

Depois de todos os testes e pequenas correções no texto das cartas, tê-las em suas versões finais é extasiante. Estou muito satisfeita com o resultado, a diagramação, o papel, a fonte. Passei o dia de ontem inteiro lendo e relendo o primeiro capítulo, sentindo na mão minhas próprias palavras. Como escrevi em cartas anteriores, a sensação do toque realmente me leva para outros lugares memoriais, ver a palavra num papel cria uma aura na comunicação.

Admito que no que diz respeito a impressão de postais, ainda que eu esteja amando ver várias cópias deles, me sinto meio frustrada de não ter conseguido imprimi-los em gravura. Queria que o tempo fosse maior, me entristece a situação que nos encontramos tendo períodos tão curtos que parecem diminuir a possibilidade de fazermos aquilo que gostaríamos. De toda forma, é gostoso tê-los nas mãos e tem sido uma experiência interessantíssima reapresentá-los aos seus remetentes. Esse mês passei dias e mais dias informando as pessoas que tiveram seus postais escolhidos para compor o anexo. Eu decidi deixar tudo nos conformes documentais e pedi autorização formal das pessoas, pensando em seus nomes e endereços expostos. Nesse processo, mandava as imagens dos postais para que pudessem revê-los. As reações foram tão bonitas. A maioria das pessoas não recordava na íntegra o postal escolhido ou a mensagem escrita (pudera, né, um ano que fiz a performance, é natural a lembrança se diluir).

Nesse processo de organização documental, que inclui o pedido dos relatos, comecei a receber um número maior deles. Ainda não li. Como falei na última carta, quero uma imersão total quando estiver com todos. Acho importante pontuar que a coleta dos relatos se deu tanto pela curiosidade, mas também como ferramenta argumentativa para saber o que os participantes sentiram durante a performance e como elas veem o cartão postal e a possibilidade de envio do artefato para pessoas queridas.

Quero entender se o que eu penso se relaciona com o que elas pensam, ver o que há de comum e o que diverge ao respondermos as mesmas perguntas. Indaguei também: como será que chegou para elas essa ação? Como é estar do outro lado da mesa sob responsabilidade da palavra? Que sentimentos tomaram seus corpos ao compartilharem comigo o que é da intimidade? E objetivamente saber como eles entendem o cartão postal, seja ligado a arte, a comunicação e/ou a construção de redes.

E, fazendo um breve desvio na articulação das minhas ideias, mas pensando sempre em redes e vínculos, gostaria de agradecer, Romero, pelos momentos no laboratório de fotografia. Foi de extrema importância a abertura que fizeste, para me receber no espaço. Por questões óbvias, ao me ajudar com recursos e suporte para que fosse possível fazer a versão física dessa pesquisa existir. Mas principalmente pelas presenças. O lab de fotografia carrega algumas das minhas vivências mais valorosas da graduação principalmente no que diz respeito à coletividade e a criação de vínculos. O compartilhamento de experiências de vida e de arte, de profissão, até as músicas e os cafézinhos, formaram muito do que sou hoje. Retornar me permitiu experienciar isso novamente. Tem sido delicioso entrar pela porta e ver alguém por lá fazendo alguma coisa, parando para comentar sobre minha pesquisa, dividir saberes, amendoar as horas de trabalho com voz e palavra. Isso é importante nesse processo até mesmo pela natureza da pesquisa: estar junto de outras pessoas, sentir o fluxo dos estudantes indo e vindo, me abrir para encontros inesperados.

Mas o que me toca mais é o carinho que transforma o espaço de labor em lugar de acolhimento, entre períodos tão curtos e demandas tão grandes que todos vivemos e pra mim, especificamente, esse momento de intenso trabalho com a conclusão do curso e a finalização de um ciclo, ter pessoas do lado e não precisar fazer tudo sozinha me ajuda a respirar com calma. O ateliê de gravura, nesses anos em que nossos projetos de fotografia diminuíram, também me proporcionou essa experiência. Acho, até, que foi nesse processo que meus dois interesses, o postal, tipicamente feito a partir da foto, e a gravura se fundiram. São dois lugares que relações frutíferas pessoais e artísticas se desenvolvem.

Bom, acho que essa carta é um interlúdio entre pensamentos e procedimentos de articulação do arremate deste trabalho. Muito em breve esse texto será finalizado e aos poucos a pasta de arquivo/livro de artista toma forma. Fiz uns testes de envelopes em papel vegetal, para os postais, ficaram a coisa mais linda, só não descobri ainda que cola usar para não

macular a transparência do papel (o primeiro teste que fiz com cola branca ficou horrendo). Também estou experimentando possíveis envelopes para essas cartas mas ainda não me decidi. Sigo confabulando e estudando opções.

No mais, é isto!

Abraços,

Iza.

Figura 28 e 29 - Testes de envelope para versão física do TCC



Fonte: Arquivo da pesquisa. Recife, 2025.

**Recife, 23 de julho de 2025**

Querido Romero!

Enfim, tenho todos os relatos em mãos e lidos! Li e reli cada um várias vezes até confundir uma palavra com outra e reparei várias similaridades entre o que me foi respondido pelas sete pessoas que compartilharam suas experiências. Não sei bem como articular essa carta sobre eles, sendo honesta. No nosso curso, não vejo com frequência o costume de coletar dados e organizá-los em normas científicas, que era a minha intenção. Encontrar as similaridades dos relatos e descrever aqui de maneira sistematizada, fantasiei até mesmo fazer uma tabela.

Percebendo essa dificuldade, decidi fazer notas e comentários sobre cada um dos relatos, na tentativa de me ajudar nessa articulação. Sendo assim, colocarei esses escritos aqui e tentarei relacionar e resumir tudo.

Achei, como já disse, muitas similaridades entre os relatos e minhas próprias opiniões. O que é ótimo, pois posso perceber que estamos caminhando chãos parecidos e consigo mais suporte para me manter no caminho reflexivo construído até o presente momento. Em um aparato geral, os tópicos que mais surgiram e que mais me chamaram atenção tocaram os sentimentos dos participantes, no que diz respeito ao ato de escrever para alguém, principalmente pensando a escrita fora do âmbito digital. Sendo esse outro tópico pertinenteíssimo. Foram praticamente unâimes as comparações entre comunicação manual/artesanal e comunicação digital permeadas por uma aparente sensação de esvaziamento que a virtualização das relações e suas comunicações causa. Lembrei logo de Tim Ingold; em uma das cartas, intitulada *Digitalização e perda*, presente no livro *Correspondence* ele diz o que apresento abaixo, em tradução livre:

Corresponder-se com pessoas e coisas – como costumávamos fazer por meio de cartas – abre caminhos para que a vida continue, cada uma à sua maneira, mas sempre com respeito pelos outros.

Neste livro, compilei algumas das maneiras pelas quais me correspondi particularmente, por escrito, com tudo, desde oceanos, céus, paisagens e florestas a monumentos e obras de arte. Idealmente, eu deveria ter escrito essas correspondências

à mão. O fato de eu tê-las escrito em um teclado é, para mim, uma deficiência; [...]. No entanto, esse arrependimento não é um refúgio na nostalgie, mas um apelo à sustentabilidade. Um mundo em que toda comunicação termina quase antes de começar, reduzindo a vida a uma sucessão de instantes, simplesmente não é sustentável. Também não é nostalgie desejar preservar nossas capacidades de expressão humana. [...] Nunca na história da humanidade eles estiveram, de fato, em maior risco. Ficamos parados enquanto as palavras, arrancadas das mãos e da boca, eram convertidas na moeda líquida de uma indústria global de informação e comunicação. Em relação a Estados e corporações, as palavras foram reduzidas a meros símbolos de troca. E nossas tecnologias evoluíram em paralelo. A linguagem foi destilada das conversas da vida, apenas para ser inserida nos mecanismos da computação. No entanto, a tão alardeada "revolução digital" quase certamente se autodestruirá, provavelmente ainda neste século. Em um mundo que enfrenta uma emergência climática, ela também é manifestamente insustentável. Não apenas os supercomputadores dos quais depende já consomem quantidades colossais de energia; a extração de metais pesados tóxicos para uso em dispositivos digitais também alimentou conflitos genocidas em todo o mundo e provavelmente tornará muitos ambientes permanentemente inabitáveis. Enquanto isso, a digitalização continua a dissolver os arquivos da história registrada a uma taxa sem precedentes. Imagine um futuro em que todas as palavras escritas sejam digitadas, em teclados ou telas. Ler essas palavras requer uma visão que atravessa papel ou vidro, a fim de extrair os significados refletidos por trás, em vez de se deixar reter na superfície. Os traços lineares de afeto, que antes cativavam os olhos dos leitores, agora são descartados como uma distração. Foram substituídos por um vocabulário de emoticons, apresentando substitutos para o sentimento em vez do sentimento em si. Com o poder expressivo da linha há muito esquecida, a próxima a ser eliminada será a voz. (Ingold, 2021, p. 3–4)

Não me interessa criticar severamente o universo virtual e a digitalização. Tim me parece bastante frustrado com os rumos da escrita e da comunicação, entretanto, acredito verdadeiramente que os mecanismos digitais nos proporcionam facilidades interessantes e são capazes de criar um outro espaço relacional de desenvolvimento ou de manutenção de vínculos. Eu mesma o utilizo todos os dias para estar perto, de alguma forma, de familiares e amigos que estão distantes fisicamente, como disse na carta introdutória desta pesquisa. Mas é pertinente provocar inquietação sobre os imediatismos e esvaziamentos que a virtualização da troca pode criar. O que querem dizer as respostas instantâneas e automáticas encapsuladas em reações no formato de pequenos corações vermelhos nos cantos dos balões das mensagens as figurinhas de bichinhos e memes, que se comportam de modo semelhante aos emoticons citados por Ingold? Que voz é essa que eu escuto? A da máquina? A do desinteresse? Da superficialidade?

Acredito que existe sim algo da palavra e da atenção que damos a ela, que se perde para a imagem virtual. Sendo assim, é interessante e compreensível, na minha percepção, que os relatos expõem de modo breve, em comparação ao texto de Tim, a sutileza do ato de escrever num cartão postal, equiparado a comunicação entre telas.

Voltando agora pro cartão, ainda pensando a ideia de correspondência, na leitura dos relatos, citando o de Gio mais uma vez, identifico que uma das formas de nos correspondemos, eu e os participantes, se deu a partir das gravuras. Me cativa muito a lembrança da conversa que tive com cada pessoa, mas especialmente Giovanna, por ter sido a primeira vez que articulei minha fala sobre meu processo de construção dos cartões e o desenvolvimento das significações das imagens criadas. Algumas das histórias e dos sentimentos que acessei durante a performance emergiram justamente do ato de analisar as imagens dos cartões e cavucar as possíveis leituras que os outros faziam delas. A correspondência entre nós, pessoas e objetos, talvez tenha se dado justamente na costura de tudo: da imagem, da história e dos sentimentos, todos numa trama só.

Outro ponto que adorei reparar durante a performance foi um que aparece na carta de Bel Xará, sobre a terceirização da escrita. Assim como as comparações entre digital e artesanal, lá na hora, foi uma experiência generalizada a da vergonha e do desconcerto ao ditar as palavras que eu deveria escrever. Todas as pessoas ficaram relutantes de materializar o pensamento na voz, mas sempre que embarcávamos num processo investigativo de suas história, e quando eu compartilhava as minhas, aquela breve relação estabelecia confiança e eventualmente a vergonha se diluía. Um parênteses engraçado: dia desses, ao sair com amigos, minha pesquisa veio à tona e precisou ser contextualizada para pessoas que não a conheciam. Em dado momento, um amigo explicou-a como “basicamente uma mesa de terapia”. Eu dei uma boa risada. Mas acho, sim, que a abertura desse espaço para falar do sentir pode ser considerado uma abertura para um momento terapêutico. Eu me vi no lugar de fazer as perguntas certas, assim como criar um ambiente confortável o suficiente para que fosse possível acessar as histórias contadas e permitir que aquelas pessoas sentissem segurança em compartilhar seus afetamentos, bons e ruins, comigo e através de mim.

Pensando esses desconfortos citados acima, achei importante um ponto levantado no relato de Mellanie: a provocação.

Também penso que esse afeto poderia não ser bom! Não acho que as pessoas e a arte tenham apenas coisas bonitas a dizer e por isso, o cartão postal aparece como possibilidade de enviar para aqueles, conhecidos e desconhecidos, diversas possibilidades de provocação, uma provocação que chega até o seu endereço e te convida a senti-la. (Nascimento, 2025, s/p)

Compreendo toda a narrativa de amor e bons afetos vinculados, ela tem um tom afetuoso enviesado para o romântico e se propõe a pensar no carinho e nas ligações entre pares, mas é interessante trazer à tona aquilo que é controverso. Com o escrito dela, rememorei cartas que já escrevi: desesperadas, raivas, envergonhadas. Refletir sobre o lugar provocativo da arte e consequentemente do cartão postal é essencial, principalmente ao localizarmos o correio como meio é um caminho incerto de tempo imprevisível.

Me ocorre o questionamento sobre o impacto daquele objeto e das palavras nele contidas. Depois de um ano da performance, me pergunto se os endereços ainda são os mesmos ou mudaram, se as relações ainda existem ou não (daqueles românticos, por exemplo). E se eu enviar o postal para alguém que terminou um relacionamento, quais impactos possíveis? e se eu enviar algum pra pessoa mas em desvio imprevisto acontecer e ninguém receber? e se esse destino foi uma outra pessoa desconhecida que não faz ideia de que projeto é esse? não seria incrível e triste?

Por fim, outro fator em comum entre os relatos foi a evocação do gesto. Beatriz e Will evocam o gesto do envio do postal como um marco relacional. Na minha interpretação esse gesto une lembrança-palavra-escolha-envio, como já dito anteriormente, noutras cartas. Gosto como Will cria tração, em seu relato, entre a quantidade de palavras possíveis no corpo do cartão e a grandeza do gesto de enviá-lo, entendendo que a ação do envio contempla um todo e não apenas a palavra.

Romero, creio que essa seja minha última carta. Tenho dificuldades em encerrar coisas, textos, ideias. Mas acho que consegui articular suficientemente bem todos os pontos que me propus discutir. Inclusive sinto que essa carta foi recheada de redundâncias e repetições já expostas.

Bom. aqui me despeço. Meio saudosa, meio cansada e bem feliz de ver meus pensamentos sendo realizados.

Grande abraço,

Iza.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**28 de julho de 2025**

Caro leitor,

Essa é a última carta que escrevo. Preciso dizer que sou péssima concluindo pensamentos. Me considero, na verdade, bastante prolixa e adoro dar voltas e mais voltas em minhas linhas de raciocínio. Crio compulsivamente hiperlinks, parênteses e travessões mentais, sempre ansiando adicionar informações aleatórias as quais acredito piamente acrescentarem algo de valoroso ao que originalmente pretendo dizer. Digo isso, pois gostaria bastante de continuar escrevendo por aqui.

Mas chega o fim. E pelas regras, é preciso sistematizar o que penso, finalizando minha fala. A realidade é que ainda tenho muito a articular, principalmente com a entrega do TCC, pois já comecei a fantasiar a apresentação dele e ensaiar minhas falas, assim, toda vez que me vejo idealizando esse momento, uma percepção nova e melhor assimilada se desenvolve na minha cabeça e penso como gostaria de escrever sobre ela. O que quero dizer é que existem reflexões em mim que ainda não me coube aprofundar como gostaria, como a descentralização e diluição das amarras que a circulação de arte tem às instituições tradicionais de exposição, não apenas pensando a arte postal no lugar que a coloquei aqui, como ferramenta de criação de vínculos, mas pensando ela em seu lugar original de provocar um pensamento alternativo acerca da apreciação e do consumo da arte. Também, agora no final, principalmente com meu encontro com Tim Ingold, algumas percepções sobre comunicação, escrita e correspondência na artesania e na digitalização ganharam novas estruturas que gostaria de me debruçar sobre, mais um tempinho.

Ainda assim, no que diz respeito ao que me propus investigar aqui, acredito genuinamente que cheguei onde queria chegar, e fui um pouco além. De toda forma, pesquisas são desse jeito mesmo: abrem mais portas, desfiam mais fios; criam novos afluentes. O intuito real nunca será o de concluir integralmente alguma coisa, acho, mas sim de ampliá-la.

Compreendendo isso, na conclusão deste caminho percebi coisas interessantes. Levando em consideração tudo que me atravessou até aqui, desde as revisitações dos arquivos, o mergulho nas referências bibliográficas, o acesso aos relatos de experiência e até aquilo que não está registrado textualmente nessas cartas, mas que foi vivenciado por mim, como as conversas que tive com diferentes pessoas ao longo desses meses de escrita, concluo que sim, os cartões postais são objetos de arte que por sua facilidade em transitar lugares diversos, não se delimitando as paredes de um museu, criam redes, conexões e afetos.

No que diz respeito diretamente aos postais criados por mim e a minha performance feita junta a BICC, percebo que as conexões se expandem para além do caminho que o postal percorre, elas, na verdade, foram antecedidas pelo encontro que eu e os participantes compartilhamos, as histórias contadas, os sentimentos que acessamos e dividimos, as leituras e interpretações das gravuras, para então chegar nas influências possíveis que essa troca resultou sobre as palavras a serem escritas, e assim, firma-se uma rede de envios.

Por fim, um ponto extra que me chamou muita atenção, especialmente a partir da leitura dos relatos de experiência e do texto de Ingold, foi a comunicação. Desde o início da minha investigação, reflexões sobre maneiras e meios de se comunicar foram expostas. Contudo, o que eu levantei nesse texto com relação a esse assunto partiu muito de percepções pessoais e individualistas, de como eu estabeleço, ou gostaria de estabelecer, comunicações com as pessoas e coisas do meu convívio. Ao ler os relatos, apreendi que comunicação e, evocando Ingold, a correspondência entre pares que se dá através da comunicação, são coisas cruciais para as pessoas de um modo geral e me surpreendeu mais ainda a força do choque entre a comunicação artesanal, possível de ser feita com o cartão postal, e a comunicação digital. Fiquei muito reflexiva acerca da digitalização e da virtualização das relações — consequentemente da comunicação — expostas em praticamente todos os relatos. Como já disse, não tenho interesse em demonizar a experiência virtual e defini-la como destruidora das relações e das trocas, ela existe como uma outra forma de experienciar a vida e é válida. Mas a reflexão que cabe é como ainda é uma forma de vida a ser entendida na prática, ao entendermos que a virtualidade tem um outro espaço-tempo e implica sobre as relações e comunicações uma dinâmica distinta daquela que é experienciada fisicamente a partir da presença.

De modo coletivamente empírico, na minha percepção, esse outro espaço-tempo, querendo ou não, tem nos proporcionado um aceleramento, um imediatismo comunicacional. A palavra digital existe num ritmo diferente das palavras faladas, assim como essas duas existem num ritmo diferente daquela que é escrita a mão. A partir dessa compreensão, acredito então, que o cartão postal se dispõe como ferramenta de criação de redes de conexão e também como ferramenta para estabelecer uma forma alternativa de comunicação.

Bom, leitor, oficialmente chegamos ao final. Espero que tenhas se deleitado com minhas palavras e que afluentes tenham aberto caminhos em e de você para que espalhe tuas palavras escritas e tua voz pelo mundo.

Escreva postais, crie novos circuitos.

Com carinho e muito grata,

Izabel Karime.

## REFERÊNCIAS

ARBOLAVE, Cecilia. **Queria ter Ficado Mais**. São Paulo, Lote 42, 2015.

AZEVEDO, Anna. HELO, Rosa. **Arte Postal: Comunicação e Generosidade**. TV Brasil, 2016. Disponível em:  
<https://tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/arte-postal-comunicacao-e-generosidade>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BRUSCKY, Paulo. **Arte e Multimeios**. Recife, Editora Paulo Bruscky, 2014.

CENTRAL DO BRASIL. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn, Martine de Clermont-Tonnerre. Brasil, VideoFilmes, 1998.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE DANIEL SANTIAGO OCUPA O MAMAM. **Cultura.PE**, Recife, 2017. Disponível em:  
<https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/exposicao-individual-de-daniel-santiago-ocupa-o-mamam/>. Acesso em: 09 out. 2023.

INGOLD, Tim. **Correspondeces**. Cambridge, Polity Press, 2021.

KAPPUS, Franz. **Cartas a um Jovem Poeta**. São Paulo, Editora Globo, 1995.

MACIUNAS, George. Fluxus Manifesto. **Arte e Multimédia**. Disponível em:  
<https://digarddigmedia.wordpress.com/2017/11/20/fluxus-o-movimento-mais-radical-e-experimental-dos-anos-60/>. Acesso em: 01 jun. 2025

MAHONEY, Louisa. Before Crypto Art There was Fluxus, the Ultimate Avant-Garde Movement of the 60s. **MESSY NESSY**, 06 de junho de 2021. Disponível em:  
<https://www.messynessychic.com/2021/06/29/before-crypto-art-there-was-fluxus-the-ultimate-avant-garde-movement-of-the-60s/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MARIOTTO, Mariana. **Escavar a história: registro como arqueologia de si**. Revista Galérgica, 2025. Disponível em:  
<https://www.revistagalerica.com/post/escavar-a-historia-registro-como-archeologia-de-si>. Acesso em: 28 de jul. 2025

## APÊNDICE A - FOTOGRAFIAS DO LIVRO DE ARTISTA

Neste Apêndice, é apresentado o resultado da versão física deste trabalho, a qual foi entregue à banca examinadora para avaliação. O desenvolvimento da versão deste Trabalho de Conclusão de Curso em livro de artista/pasta de arquivo teve como intuito, como dito na carta introdutória e no primeiro capítulo, evocar a experiência sensorial da carta e do postal, proporcionando a experiência de acessar uma memória tátil-material a qual é refletida ao longo das diferentes etapas do projeto Quando Chegar Lá, Me Envie um Cartão Postal. O livro de artista/pasta de arquivo foi integralmente feito à mão: pasta, envelopes e selos foram desenvolvidos exclusivamente para este trabalho. Para a feitura dos moldes originais tive apoio da artista visual Márcia Xará. As fotografias da performance foram impressas em gráfica e têm como objetivo aludir a experiência de visitar fotografias familiares; os cartões postais são cópias diretas dos originais, os quais foram enviados aos seus respectivos destinatários; e tanto os capítulos do TCC quanto os relatos de experiência foram organizados de modo a rememorar a estrutura de cartas.

Para finalizar, os documentos fotográficos a seguir foram feitos com auxílio da Artista Visual e Fotógrafa Nina Xará, principal responsável pelos registros imagéticos de todas as etapas da pesquisa.

Fotografia 1 - *Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal*. Recife, 2025.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografia 2 - *Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal; Detalhe*. Recife, 2025



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografias 3 e 4 - Livro de artista *Quando chegar lá, me envie um cartão postal*. Detalhes internos e cartas capítulos. Recife, 2025.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografias 5 e 6 - *Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal*. Detalhes das cartas capítulos. Recife, 2025.



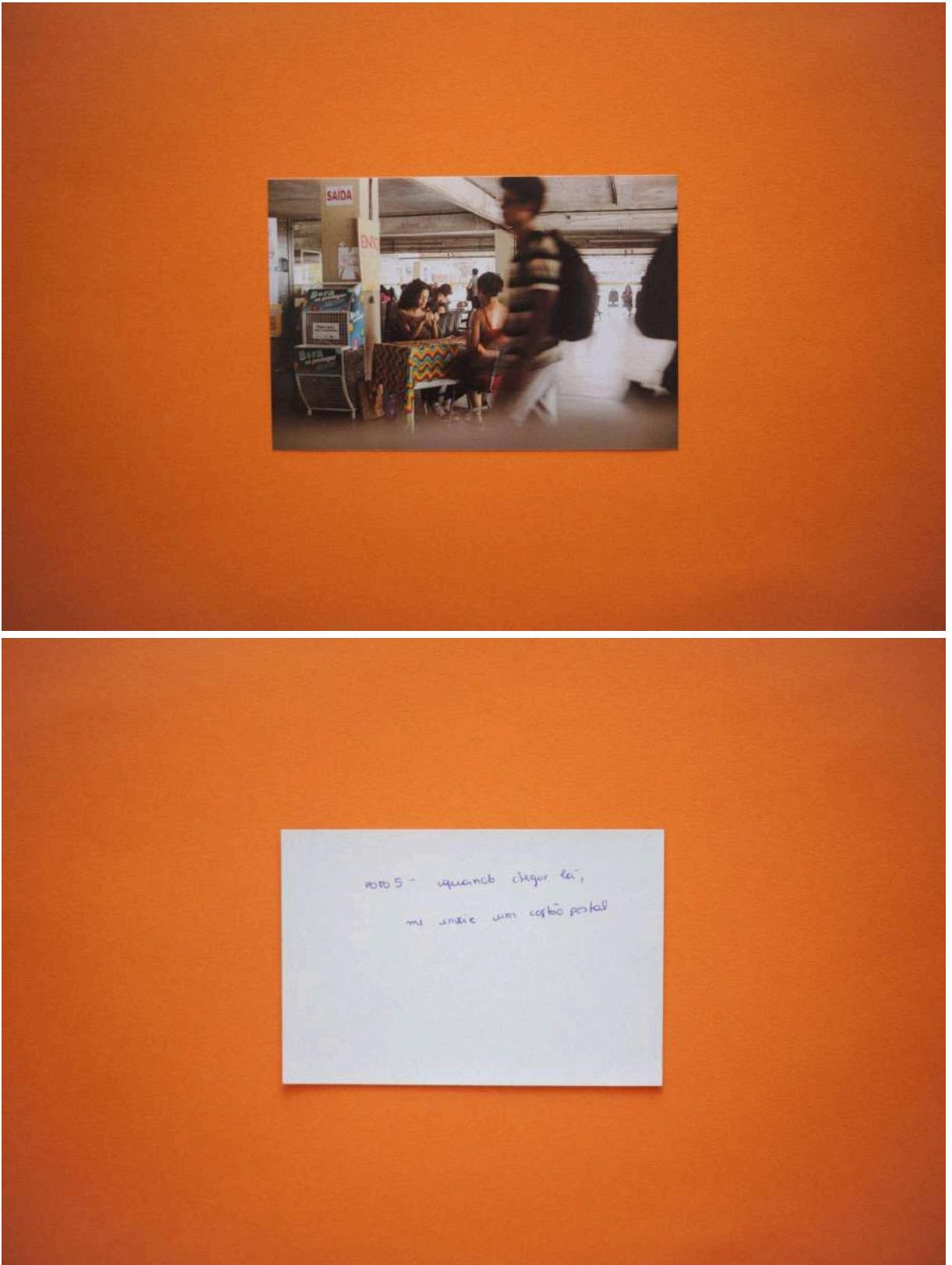
Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografias 7 e 8 - Livro de artista *Quando chegar lá, me envie um cartão postal*. Cartões postais. Recife, 2025.



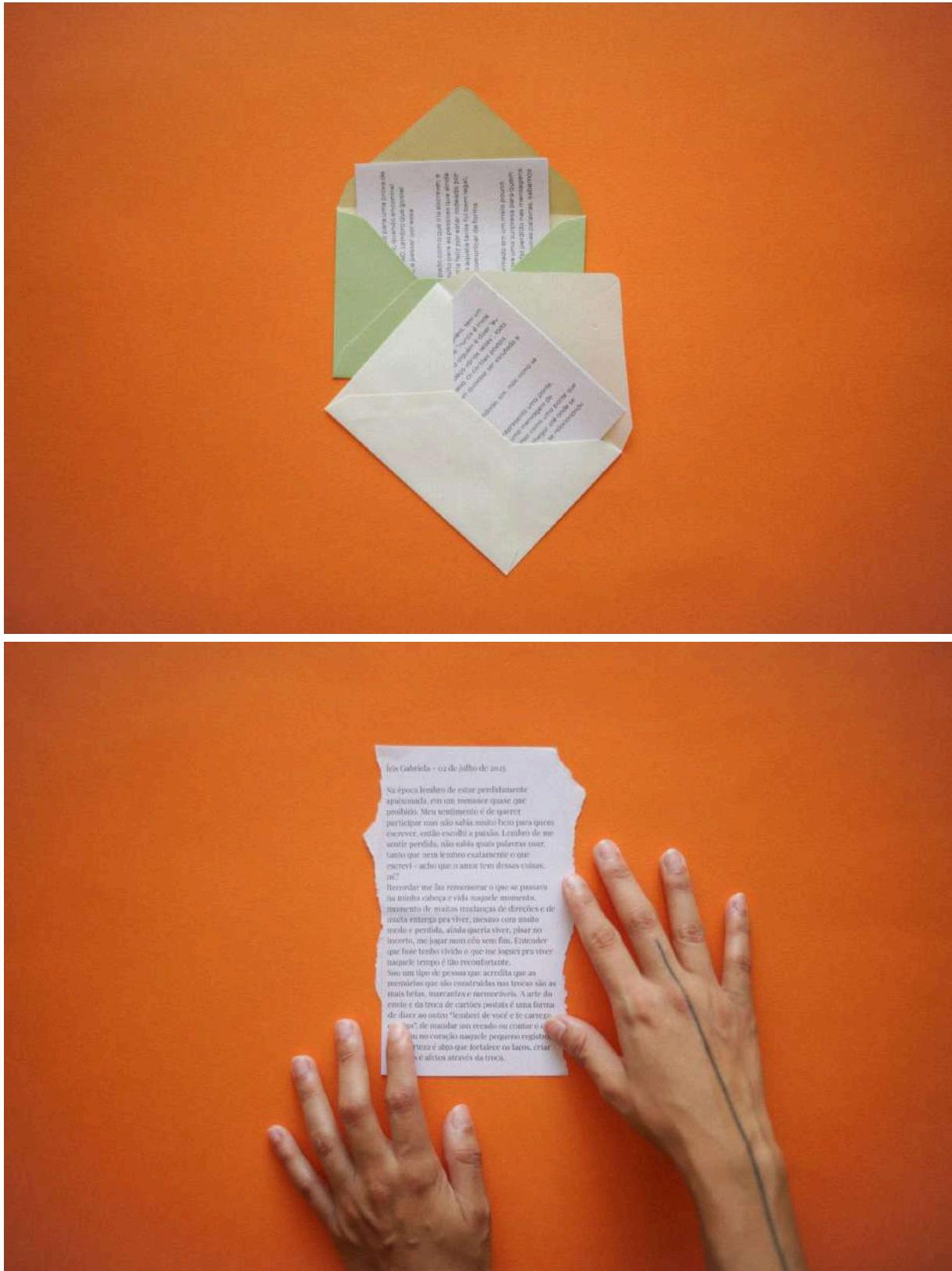
Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografias 9 e 10 - *Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal*. Fotografia revelada. Recife, 2025.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.

Fotografias 11 e 12 - *Livro de artista Quando chegar lá, me envie um cartão postal. Relatos de experiência.*  
Recife, 2025.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de Nina Xará.